

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - LINGUÍSTICA

**UMA DESCRIÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS NA VARIEDADE NÃO -
PADRÃO DE JABOATÃO - PE**

ERALDO BATISTA DA SILVA FILHO

RECIFE/2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - LINGUÍSTICA

**UMA DESCRIÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS NA VARIEDADE NÃO -
PADRÃO DE JABOATÃO - PE**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de Pernambuco
como requisito parcial para obtenção
do Grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Stella Telles

RECIFE/2010

Silva Filho, Eraldo Batista da

Uma descrição das proparoxítonas na variedade não-padrão de Jaboatão - PE / Eraldo Batista da Silva Filho. – Recife: O Autor, 2010.

112 folhas: il., fig., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2010.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Língua portuguesa - Fonologia. 2. Análise linguística. I. Título.

81'344.34 CDU (2.ed.)

414

CDD (22.ed.)

UFPE

CAC2010-109

ERALDO BATISTA DA SILVA FILHO

**Uma Descrição das Proparoxítonas na Variedade Não-Padrão de Jaboatão-
PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito para a obtenção do
Grau de Mestre em Linguística, em 25/8/2010.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr.^a. Stella Virginia Telles de Araujo Pereira Lima
Orientadora – LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins
LETRAS - UFRPE

Recife – PE
2010

AGRADECIMENTOS

Ao meu poderoso Deus, que me dota de capacidade para superar os inúmeros e imensos obstáculos que surgem à minha frente: só a Tua graça me tem confortado!

À minha família, alicerce muito mais que presente em minha vida.

A ti, meu anjo lindo, que me deste forças nos momentos que quase me fizeram desistir de tudo... Estarás eternamente em meu coração!

Aos meus professores, que me indicaram os caminhos intrincados da Língua Portuguesa.

À minha excelentíssima orientadora Stella Telles, que não só me tomou pela mão e me guiou pelos intrincados caminhos da Língua Portuguesa, como detalhou cada curva, cada reentrância neles encontradas, maravilhando-me dia após dia e tornando-me um fiel apaixonado pela Fonologia!

RESUMO

Este estudo diz respeito ao fenômeno da síncope em sílaba postônica de proparoxítonas, faladas por 12 informantes da cidade de Jaboatão dos Guararapes, PE. Utilizou-se o método qualitativo para a análise da elocução livre dos entrevistados, que foram divididos por sexo, faixa etária e escolaridade, sob a perspectiva laboviana da Teoria da Variação Linguística. Dentre as variáveis lingüísticas, foi o contexto fonológico precedente que apresentou uma maior influência na ocorrência da síncope em postônicas, tendo as líquidas vibrante e lateral como principal ambiente favorecedor. A variável sexo, entre as variáveis extralingüísticas, foi a mais relevante para o surgimento desse fenômeno.

Palavras-chave: síncope, postônica, proparoxítonas, variáveis lingüísticas e extralingüísticas

ABSTRACT

This study is about the phenomenon of syncope in medial post-stressed syllable in antepenultimate stressed words, spoken by 12 people from Jaboatão dos Guararapes city, PE. It was used the quantitative method to analyze and describe their free speech. For that, those people were divided according to sex, age group and educational rate, under the labovian guidance of the Variation Theory. Among the linguistic variables the antecedent phonological context presented the major influence to the occurrence of syncope, with the vibrant as the main favorable context. The variable sex, among the extra linguistic variables, was the most relevant to the appearance of that phenomenon.

Key words: syncope, post-stressed, antepenultimate stressed words, linguistic and extra linguistic variables

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 OBJETO DE ESTUDO	12
1.1 O acento na Língua Portuguesa	13
1.1.1 O acento segundo Câmara Jr.	16
1.1.2 O acento segundo Bisol	17
1.1.3 O acento segundo Lee	22
1.2 Estudos recentes sobre as proparoxítonas baseados em dados empíricos	24
2 METODOLOGIA	37
2.1 Aspectos gerais	37
2.2 População e amostra	37
2.3 Coleta de dados	38
2.4 Levantamento e análise de dados	40
2.5 Apresentação das variáveis	40
2.5.1 Variável dependente	41
2.5.2 Variáveis independentes	41
2.5.2.1 Variável sexo	42
2.5.2.2 Variável faixa etária	42
2.5.2.3 Variável escolaridade	43
2.5.2.4 Contexto fonológico antecedente	43
2.5.2.5 Contexto fonológico seguinte	44
2.5.2.6 Traço de articulação da vogal da sílaba postônica	44
2.5.2.7 Estrutura da sílaba anterior	44

3 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS	45
3.1 Contexto fonológico antecedente	45
3.2 Contexto fonológico seguinte	59
3.3 Estrutura da sílaba anterior	70
3.4 Traço de articulação da vogal da sílaba postônica	72
3.5 Variável faixa etária	74
3.6 Variável escolaridade	75
3.7 Variável sexo	77
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	87

INTRODUÇÃO

“A palavra é o meu domínio sobre o mundo.”

Clarice Lispector

Há séculos que os estudos sobre a linguagem humana vêm se desenvolvendo. As descobertas feitas através dos estudos lingüísticos, desde o período clássico, fornecem aos estudiosos e aos interessados nessa área novas teorias, nas quais se podem encontrar variados pontos de vista que, ao invés de, como pensam alguns, confundir, levam-nos a seguir caminhos diversos, que se entrecruzam ao longo de sua trajetória e mostram-lhes as evoluções ocorridas ao longo do tempo.

Na segunda metade do século XIX, surgiram as *gramáticas comparadas*, que se orientavam pela concepção da unidade universal das línguas, fosse por razões bíblicas, fosse pela crença, de uma gramática universal. Buscava-se encontrar classes de línguas, ou famílias de línguas que, no decurso das derivações seculares, teriam vindo de unidades anteriores, e estas de unidades ainda mais remotas. Então, começou-se a comparação de diversas línguas tradicionais, procurando-se descobrir seus pontos de interseção e suas estruturas mais remotas e, para isso, foram estudadas as línguas mais antigas conhecidas, tentando-se encontrar um elo entre elas. O Sânscrito, entre as línguas comparadas, foi a que mais se fez presente no conjunto geral, muito mais que o Latim, o Grego e o Hebraico. Essa língua sagrada dos hindus é uma espécie de irmã mais velha de todo o sistema lingüístico estudado na *Gramática Comparada*. Assim, a anterior concepção de uma língua universal é substituída por outra, na qual as línguas sofrem mudanças, de forma regular e sistemática. A partir daí, busca-se a *protolíngua*, e surgem tentativas de reconstrução do estado ideal da língua (estudo do indoeuropeu).

Ainda no século XIX, na década de 70, acadêmicos germânicos, conhecidos como neogramáticos, procuraram provar que a língua não é independente, e sim parte da coletividade dos falantes, e estes determinam a evolução de uma língua. Foram os neogramáticos os primeiros a observar a regularidade na mudança dos sons, e intensificaram seus estudos sobre as mudanças lingüísticas. Para a escola neogramática, as leis fonéticas não admitiam exceções às mudanças fonológicas, e buscavam, através da analogia, explicar essas mudanças, mostrando que as formas mudadas apenas

seguiram padrões que, em tempos passados, já havia na língua. De acordo com os princípios das leis fonéticas, qualquer mudança de som se produz de acordo com leis que não admitem exceções, por serem resultados de forças mecânicas (leis fonéticas).

No século XX, entre as descobertas lingüísticas, ganha impulso a Fonologia, cujas pesquisas enriqueceram as teorias relacionadas à fala, aumentando-se a compreensão acerca da língua. Surge, então, a Sociolingüística, opondo-se à ausência do componente social nos estudos sobre a fala e à concepção de língua trazida por suas correntes antecessoras, pois acredita que a língua é vista como instrumento de comunicação usado por falantes de comunidades. Confirmando essa teoria, Labov (2008) afirma que as variáveis sociais atuam de maneira probabilística na variação da língua, e é possível revelar quais ambientes lingüísticos influenciam regularmente a frequência de uma variante ou outra, e quais contextos lingüísticos e/ou sociais são mais relevantes no fenômeno observado.

A pesquisa aqui apresentada será sobre a frequente redução que há na pronúncia de proparoxítonas. Com origem na língua latina, os fenômenos de redução em vocábulos esdrúxulos, que permaneceram no léxico do Português, continuam a ocorrer, sobretudo em variedades populares da língua, o que não implica dizer que eles não ocorram na produção de fala do Português padrão. São poucas as pesquisas voltadas à análise de proparoxítonas, e as que serviram de base para este trabalho, Amaral (1999), Silva (2006) e Lima (2008), fizeram-nas baseados na Sociolingüística Quantitativa, utilizando, para isso, programas computacionais. O presente estudo não utilizará programas de análise quantitativa, embora parta dos fundamentos da teoria da variação lingüística. O método de análise será qualitativo, a fim de se verificar a ocorrência da síncope em palavras proparoxítonas.

As etapas da pesquisa foram divididas, resultando em um texto que apresenta a seguinte estrutura:

No primeiro capítulo, tem-se o objeto de estudo deste trabalho, e são apresentadas as proparoxítonas e as reduções que são comuns em vocábulos esdrúxulos, com uma breve justificativa sobre o tema em estudo. Em seguida, tem-se a fundamentação teórica, e aborda-se o acento na Língua Portuguesa, sob a ótica de Câmara Jr (1985), Bisol (2005)

e Lee (1994). Após essa abordagem, são mostrados quatro recentes estudos sobre as proparoxítonas, realizados por Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2006) e Araujo et alii (2007).

No segundo capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada, sendo explicitada a população em que foi realizada a pesquisa, como foi feita a coleta de dados e a definição das variáveis estudadas (lingüísticas e extralingüísticas).

No capítulo seguinte, encontram-se as análises das variáveis encontradas durante a pesquisa, seguidas das discussões acerca dos fenômenos fonológicos nelas encontrados.

No último capítulo, há as considerações finais, em que são mostradas as conclusões obtidas após as análises dos fenômenos lingüísticos em estudo.

1 OBJETO DE ESTUDO

As proparoxítonas pertencem a uma classe de palavras que trazem consigo umas propriedades fônicas bem específicas, em relação ao seu acento. Também chamadas de esdrúxulas, são as menos numerosas, se forem comparadas com as oxítonas e as paroxítonas da Língua Portuguesa. Para Ferreira (1988), *esdrúxulo* significa extravagante, esquisito, campo semântico no qual se enquadram as proparoxítonas por serem, como antes dito, minoria em Português. De acordo com Amaral (1999),

Esdrúxulo veio do italiano (esdrúcciolo), onde os vocábulos proparoxítonos são bastante numerosos. O sentido originário da palavra *esdrúcciolo* faz suspeitar que antigamente, na própria Itália, acharam algo estranho nos proparoxítonos, fazendo com que esbarrassem quando os pronunciavam - traço que talvez venha dos invasores germânicos.

A síncope, supressão de um ou mais segmentos na sílaba átona postônica de um vocábulo, foi um dos fenômenos mais comuns que ocorreu na língua latina, reduzindo as sílabas postônicas das proparoxítonas que passaram a ser paroxítonas, e isso ocorreu desde o Latim Clássico. Conforme Coutinho (1976), em Latim Vulgar, a síncope geralmente ocorria quando a postônica se achava:

- a) Entre uma consoante oclusiva e uma lateral ou vibrante (oculus > oclus, masculus > masclus);
- b) Entre uma nasal labial e uma não-labial (dominus > domnus, lamina > lamna);
- c) Entre uma vibrante ou lateral e outra consoante (calidus > caldus, solidus > soldus);
- d) Entre /s/ e outra consoante (positus > postus).

A redução em proparoxítonas não se restringiu à época latina. Por serem mais comuns, na Língua Portuguesa, as palavras oxítonas e paroxítonas, as proparoxítonas tendem a ser reduzidas pelos falantes. Segundo Câmara Jr. (1985), na linguagem popular do Brasil, os falantes costumam suprimir o segmento fônico que há entre a vogal acentuada e a vogal final, como em *Petrópolis* > *Petrópolis*, *exército* > *exérço* etc.

Apesar de ser para os fenômenos de redução em proparoxítonas que este estudo se debruça, não serão analisadas as proparoxítonas de um modo geral. Por serem processos fonológicos mais comuns na elocução de falantes menos escolarizados, de acordo com pesquisas anteriores, avaliar-se-ão as proparoxítonas usadas por falantes de sexos diferentes, todos moradores e naturais de uma mesma cidade, Jabotão dos Guararapes, que foram agrupados em dois blocos de faixa etária e com baixa escolaridade. Este trabalho visa à análise da ocorrência da redução na sílaba postônica não-final, seja a síncope da consoante ou da vogal desta sílaba, fenômeno de redução mais comum, seja a redução da sílaba inteira. Nessa análise, serão levados em consideração tanto fatores lingüísticos, que favorecem a síncope, como o contexto fonológico, o traço de articulação das vogais, o peso da sílaba etc., como os fatores sociais anteriormente citados.

1.1 O acento na Língua Portuguesa

Fernão de Oliveira, em sua gramática que é considerada a primeira da Língua Portuguesa, faz referência ao acento (in SANTIAGO-ALMEIDA, 2007):

Acento quer dizer principal voz, ou tom da dição, o qual acaba de dar sua forma e melodia às dições de qualquer língua. Digo às dições somente porque a linguagem, ainda no ajuntamento das dições e no estilo e modo de proceder, tem suas particularidades ou propriedades (...).

Nesta gramática, escrita há cerca de cinco séculos, o autor comenta não apenas sobre o conceito, mas também sobre os lugares do acento, referindo-se às oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas da Língua Portuguesa. Desde então, o acento lexical tem sido alvo de muitas análises fonológicas.

De acordo com Ferreira Netto (in Araújo, 2007), detectam-se três hipóteses básicas que tratavam da disposição do acento na Língua Portuguesa: a Hipótese do Acento Livre, que afirma que o acento é definido lexicalmente, ou seja, é previamente marcado no próprio léxico da língua; a Hipótese do Molde Trocaico, que defende que a acentuação na Língua Portuguesa está vinculada à estrutura silábica da palavra, e o peso silábico é fator condicionante da atribuição do fator lexical; e a Hipótese do Acento Morfológico,

que propõe que o acento está vinculado à estrutura morfológica da palavra. Afirma Câmara Jr. (2008) que as paroxítonas, na Língua Portuguesa, são de maior ocorrência, dando a esta língua um ritmo “grave”. Opõe-se, por isso, ao ritmo “esdrúxulo” do italiano.

Como em muitas palavras não se pode prever onde se posicionará o acento, pensa-se que este é livre; porém, existem várias regras que norteiam o acento. Assim, é incontestável o fato de que, na Língua portuguesa, o acento só pode ser encontrado em uma das três últimas sílabas da palavra. Pereira (2007, p. 67)) postula, em relação à localização do acento:

- a. O acento não ocorre na antepenúltima sílaba quando a penúltima é fechada por consoante;
- b. O acento não ocorre na antepenúltima sílaba quando a penúltima contém um ditongo;
- c. O acento não ocorre na antepenúltima sílaba quando a penúltima contém um ditongo ou vogal nasal.

Do mesmo modo, Bisol (2005, p. 145) conclui, a respeito do acento na Língua Portuguesa:

- a. A posição do acento na penúltima sílaba é preferida, quando a palavra for terminada por vogal;
- b. A posição do acento sobre a última sílaba é a preferida, quando a palavra for terminada por consoante;
- c. Quando a penúltima sílaba for pesada, o acento nunca irá cair sobre a antepenúltima sílaba.

Oxítonas e paroxítonas dominam o grupo de palavras mais comuns em Português, sendo estas a grande maioria. De acordo com Bisol (2005, p. 144), as oxítonas, para que sejam melhor definidas, podem ser divididas em dois grupos: um, a que pertencem as palavras que terminam em consoante, e o que contém palavras terminadas por vogal. Foi observado que, havendo uma consoante final, o acento mais marcado é paroxítono, e o menos marcado é oxítono.

Outro fator de grande relevância para a Fonologia do Português é em relação aos sufixos e aos morfemas de plural, em nomes, e de número-pessoa, em verbos. Se é acrescentado, a uma palavra, um sufixo derivacional, a palavra resultante apresenta o acento em uma sílaba diferente da que o recebia, na palavra primitiva, como pode ver-se nos exemplos abaixo:

(01)

- a) **gripe** - gripado
- b) **batata** - batat**inha**
- c) **amor** - amoroso
- d) **feliz** - felicid**ade**

Por outro lado, se o processo de formação de palavras for o prefixal, ou o de justaposição, o acento não se deslocará de uma sílaba a outra:

(02)

- a) **possível** - imposs**ível**
- b) **normal** - an**ormal**
- c) **roupa** - guarda-**roupa**
- d) **ônibus** - micro-**ônibus**

Porém, quando são adicionados morfemas de número-pessoa, tem-se a mudança de posição do acento em alguns casos,

(03)

- a) **canta** - cant**amos**
- b) **digita** – dig**itamos**

mas não em outros:

(04)

- a) **bebe** – **bebei**
- b) **pudesse** – **pude**
- c) **ama** – **amamos**

Então, quando há morfologia sufixal, o acento é alterado porque ele só pode aparecer em uma das três últimas sílabas de uma palavra. Além disso, alguns sufixos são acentuados porque definem a nova posição do acento na palavra.

1.1.1 O acento segundo Câmara Jr.

Conforme Câmara Jr. (1985), “o acento em português é uma relativa força expiratória, acompanhada de uma elevação da voz, que é dela conseqüente”. Comparando a Língua Portuguesa falada no Brasil e a falada em Portugal, Câmara Jr. afirma, ainda, que nos portugueses o acento é bem mais intenso, contrastando-se as sílabas tônicas e átonas, o que não ocorre no Brasil.

Em um rápido percurso desde a época latina até a formação da Língua Portuguesa, o autor supracitado diz que, no Latim, havia limites entre a penúltima e a antepenúltima sílaba, e a ocorrência do acento nestas dependia da quantidade da penúltima sílaba, isto é, se esta era longa, o acento nela incidia; se era breve, ele se deslocava para a sílaba imediatamente anterior. Porém, com o desaparecimento da quantidade silábica no latim vulgar, o acento se tornou não-condicionado. Para o autor, o acento é livre, desde que esteja entre a última e a antepenúltima sílaba da palavra.

Câmara Jr. ressalta que há uma função demarcativa do acento em relação ao vocábulo, bem clara na língua padrão do Brasil. Assim, são apontadas as diferenças prosódicas entre as sílabas átonas de um vocábulo:

As que precedem a sílaba acentuada ou tônica (pretônica) têm uma ligeira força expiratória que as distingue das átonas (final ou duas últimas finais) que se seguem ao acento grave ou esdrúxulo e são caracteristicamente débeis (postônicas) (CÂMARA Jr.,1985).

Quanto às proparoxítonas, Câmara Jr. (1985) afirma que a maioria delas decorreu de empréstimos em massa do latim clássico, especialmente a partir do século XVI. Também “houve empréstimos diretos do português ao grego clássico com a tendência a acentuá-los de acordo com o princípio geral da prosódia latina” (p. 35), assim como aumentaram os empréstimos ao italiano pela língua literária portuguesa. Apesar disso, continuou mais frequente a acentuação grave, sendo considerado o português como a língua de ritmo grave predominante. Então, por serem “um tanto marginais”, há a tendência para modificar as proparoxítonas, até mesmo na língua padrão. Como exemplos, Câmara Jr. (1985, p. 35) cita vocábulos derivados ou compostos (cf. *quadrumano*, lat. *quadrumānum*), e vocábulos simples (cf. *oceano*, lat. *oceānum*). Contudo, na língua padrão, a “acentuação esdrúxula está bem radicada”, com uma função distintiva inegável, como em *duvida*, *dúvida*; *rotulo*, *rótulo*; *amara*, *amará*.

1.1.2 O acento segundo Bisol

Bisol (2005) atribui duas regras para o acento: na primeira, as sílabas pesadas e finais recebem status prosódico; na segunda, organizam-se as sílabas em pés métricos.

(05)

Regra do Acento Primário (Domínio: a palavra lexical)

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i.é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não - iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (* .), junto à borda direita da palavra.

Em relação ao domínio, a aplicação da regra é diferenciada. Enquanto nos nomes ela se aplica ciclicamente, na palavra derivacional, nos verbos é aplicada na palavra lexical pronta, ou seja, de uma só vez. Não é a regra que muda, e sim sua aplicação.

Nas palavras em que não se aplica essa regra, é usada a extrametricidade, que atua em palavras com acento na terceira sílaba (proparoxítonas) e em palavras terminadas em consoante ou ditongo com acento não-final. Conforme Bisol (2005), a extrametricidade permite que um elemento fique invisível à regra do acento, e o acento recua para a sílaba que estiver à direita da sua posição esperada. Nas palavras terminadas em consoante ou ditongo com acento não-final, o elemento extramétrico é a coda silábica, como se percebe nos exemplos abaixo:

(06)

$$\left(\begin{array}{l} \text{fáci} \langle l \rangle \\ \text{lápi} \langle s \rangle \\ \text{açúca} \langle r \rangle \end{array} \right)$$

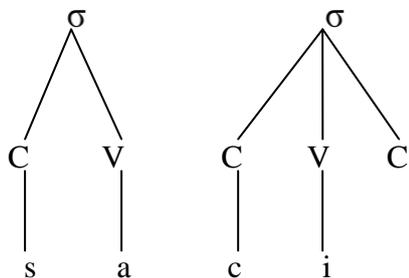
Estando invisível a coda, a sílaba final não pode ser considerada pesada pela regra (05). Assim, o acento é atribuído à sílaba imediatamente anterior, da direita para esquerda.

(07)

$$\left(\begin{array}{l} \text{ú ti} \langle l \rangle \\ (* \cdot) \\ [{}^h u tʃiw] \end{array} \right) \begin{array}{l} \text{forma subjacente (já silabada)} \\ \text{Regra (05) (ii)} \\ \text{Forma derivada} \end{array}$$

Para os nomes oxítonos terminados em vogal, Bisol afirma que, apesar de parecerem exceções à regra (05), são considerados como se tivessem uma consoante final abstrata, na coda final.

(08)



Essa consoante abstrata final se mostra quando da forma primitiva se derivam outras palavras. Então, por ressilabação, ela passa para a posição de ataque, recebendo interpretação fonética.

(09)

Derivação de **chá** e **chaleira**

∫ a C	∫ a C	Forma subjacente
(*)	(*)	Acento
_____	∫ a C + eira	Derivação
_____	∫ a. Cei. ra	Ressilabação
_____	(* .)	Acento
∫ a	_____	Apagamento da consoante C
[ʃa]	[ʃa ¹ lejra]	Forma de Superfície

Com as proparoxítonas, a regra do acento começa a operar a partir da segunda sílaba, formando-se um pé binário, como exemplificado abaixo:

(10)

$\left(\begin{array}{l} /numer + o/ \\ nu\ me\ ro \\ <ro> \\ (*\ .) \\ (*\ .\ .) \\ [n\u00famero] \end{array} \right)$	léxico
	silabação
	extrametricidade
	Formação de Constituintes Prosódicos
	Adjunção da Sílabas Perdida
	Saída

Já que as proparoxítonas são exceções, na Língua Portuguesa, Bisol as considera sujeitas à extrametricidade, e as analisa assim:

(11)

$\left(\begin{array}{l} f\u00f3s\ fo\ <ro> \\ (*\ .) \\ [f\u0252sfuru] \end{array} \right)$	Forma subjacente (silabada)

Estando invisível a última sílaba, a regra do Acento Primário considerará a borda direita da palavra somente a partir da segunda sílaba, resultando o acento na antepenúltima.

Para os verbos, postula Bisol (2005) que a extrametricidade é atribuída pela seguinte regra:

(12)

Marque como extramétrica:

- i. A sílaba final da primeira e da segunda pessoa do plural dos tempos do imperfeito;
- ii. Nos demais casos, a consoante com status de flexão.

No tocante à Formação de Constituintes Prosódicos, estabelece-se uma relação de dominância entre as duas sílabas (forte/fraco), formando um constituinte binário. A sílaba que estava invisível, devido à extrametricidade, será anexada à palavra através da Adjunção da Sílaba Perdida, resultando em um vocábulo com acento na antepenúltima sílaba.

(13)

/kantasemos/	domínio
kan ta se mos	silabação
< mos >	extrametricidade
(* .)	Formação de Constituintes Prosódicos
(* . .)	Adjunção da Sílaba Perdida

1.1.3 O acento segundo Lee

Lee (1994) diferencia a regra do acento entre verbos e não-verbos, e argumenta o seguinte:

- a) O acento diferencia verbos de não-verbos (copia – cópia, saia – saía);
- b) Em não-verbos, os sufixos derivacionais não interferem na atribuição do acento, mas os sufixos flexionais dos verbos, sim (come – comemos, anda – andamos);
- c) Os verbos não se sujeitam às regras de Abaixamento Datílico (restrição de condicionamento prosódico que proíbe vogais médias altas em sílabas tônicas de proparoxítonas) e de Abaixamento Espondeu (regra de neutralização em que palavras com sílabas finais pesadas não recebem o acento final), mas os nomes estão sujeitos a elas;
- d) A sílaba pesada final do verbo não atrai o acento.

Para Lee, o acento nos verbos cai sobre sua penúltima vogal, ou seja, tema + desinência, e nos não-verbos o acento cai sobre a última vogal do radical.

(14)

Regra de acento do não-verbo (casos não-marcados)

Domínio: radical

- a. Constituinte ilimitado
- b. Cabeça à direita

Representação:

a mor	ca fé
(. *)	(. *)

(15)

Regra de acento do verbo (casos não-marcados)

Domínio: palavra

- a. Constituinte binário
- b. Cabeça à esquerda
- c. Não-iterativo
- d. Direita para esquerda

Representação:

$$\left(\begin{array}{c} \text{en ten de mos} \\ (* \quad \cdot) \end{array} \right)$$

A proposta de Lee reduz o uso da extrametricidade; mas, por outro lado, exige que haja um maior número de regras, necessárias para explicar o acento. Em relação à regra do acento entre verbos e não-verbos, e propõe a seguinte regra para as proparoxítonas:

(16)

Regra de acento do não-verbo (casos marcados)

Domínio: radical

- a. Constituinte binário
- b. Cabeça à esquerda
- c. Não-iterativo
- d. Direita para a esquerda

Representação:

úl ti mo	a bó bo ra
(* .)	(* .)
(*)	(*)

A regra não é iterativa porque cai sempre em uma das três janelas, e a vogal temática aparecerá na derivação no nível flexional.

Lee (1994) afirma que a regra (16) explica o acento das proparoxítonas, e dá como exemplos os verbos *falávamos*, *faláramos*, *falássemos*, que são explicadas através da extrametricidade do morfema *-mos* nas formas do pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo, e no mais-que-perfeito e no futuro do pretérito (modo indicativo).

1.2 Estudos recentes sobre as proparoxítonas baseados em dados empíricos

Nos tópicos acima, mostrou-se um breve percurso das proparoxítonas, desde o Latim Vulgar ao Português Moderno, e foi comentado o comportamento do acento nesses vocábulos, chamados por muitos de esdrúxulos, devido ao fato de serem minoria, em relação às oxítonas e às paroxítonas. Também foram apresentadas propostas teóricas que tentam explicar o acento em Português à luz da Fonologia moderna. Aqui, ver-se-á como as literaturas mais recentes (Lima; Silva; Amaral; Araújo et ali), com dados de fonte estratificada, na perspectiva da sociolinguística laboviana ou de dicionário, abordam esse assunto.

Lima (2008), em sua dissertação *O Efeito da Síncope nas Proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano*, analisou três processos fonológicos desencadeados pela síncope em proparoxítonas: a assimilação, a ressilabação e a reestruturação do pé, com base em dois modelos teóricos da Fonologia

Métrica: um para o tratamento da sílaba, proposto por Selkirk, e outro para o tratamento do acento, proposto por Hayes.

Essa pesquisa foi realizada nos municípios de Rio Verde e Santa Helena de Goiás, ambos localizados no Sudoeste de Goiás. Os 36 informantes, 18 para cada município, eram todos residentes, ou desde o seu nascimento, ou desde os cinco anos de idade, nas áreas escolhidas, e foram separados por sexo, por escolaridade (0 a 4 anos de estudo, 5 a 11 anos de estudo, 12 anos acima) e por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, acima de 50 anos). A análise dos dados foi feita através da Teoria Variacionista, e estes foram codificados e submetidos ao pacote de programas de análise quantitativa GOLDVARB¹ (Windows). Para as variáveis, a pesquisadora selecionou duas dependentes: o apagamento da vogal postônica medial e o não apagamento da vogal postônica medial; quatro variáveis lingüísticas independentes: contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, traço de articulação da vogal postônica, peso da sílaba anterior à postônica; e cinco variáveis extralingüísticas: sexo, faixa etária, grau de escolaridade, tipo de entrevista e região geográfica. As hipóteses que serviram de base para esse estudo foram as seguintes:

- a) A síncope nas proparoxítonas é um processo de regularização do acento para a posição penúltima, evidenciando a tendência ao uso de paroxítonas;
- b) A estrutura silábica movida por processos fonológicos governa a síncope e seus efeitos nas proparoxítonas, isto é, a estrutura da sílaba só permite o apagamento se a nova sílaba estiver de acordo com a fonotática da língua;
- c) A ocorrência ou não da síncope em proparoxítonas depende das características dos segmentos que formam esse processo.

Os resultados obtidos a partir da análise dos dados foram os seguintes:

1. O *contexto fonológico seguinte* foi a variável apontada pelo GOLDVARB como a mais importante dentre as analisadas. Essa variável foi dividida em líquida lateral, líquida vibrante, nasais e obstruintes, aparecendo a vibrante como a mais favorável ao

¹ Programa estatístico que permite análises probabilísticas.

apagamento da vogal, seguida de perto pela lateral. As obstruintes e as nasais não se mostraram favorecedoras, sendo apagadas junto com a vogal da postônica.

2. O *contexto fonológico precedente* veio em segundo lugar, em relação à quantidade de ocorrência da síncope. As velares foram as que mais favoreceram a síncope na postônica, seguidas pelas labiais, apesar de estas apresentarem um menor peso relativo. As alveolares foram apontadas pelo programa como sendo desfavorecedoras da síncope.

3. A variável *traço de articulação da vogal* foi o terceiro grupo mais significativo selecionado pelo GOLDVARB, com dorsais e coronais mostrando-se mais resistentes ao processo de apagamento, enquanto que as labiais tenderam a ser suprimidas.

4. Em relação ao *peso da sílaba anterior à postônica*, essa pesquisa mostra que a sílaba pesada preservou todos os constituintes em sua estrutura, sendo favorecedora no apagamento da vogal da postônica.

No tocante às variáveis extralingüísticas, apenas três (sexo, grau de escolaridade e região geográfica), das cinco selecionadas, mostraram-se relevantes, apresentando os seguintes resultados:

1. *Grau de escolaridade*: variável mais significante para a ocorrência da síncope nesta pesquisa. As pessoas com mais de 12 anos de estudo tendiam a utilizar a síncope bem menos do que aquelas que nunca foram à escola ou que estudaram até a 4ª série. Os que tinham escolaridade entre 5 e 11 anos também apresentaram um resultado significativo, pois ficaram acima do ponto neutro.

2. *Região Geográfica*: A síncope da vogal postônica foi mais frequente entre os moradores do município de Santa Helena de Goiás do que em Rio Verde. Lima atribui a isso o fato de que grande parte dos moradores de Santa Helena (cerca de 35 000), mesmo os escolarizados, trabalham em lavouras de algodão ou de cana-de-açúcar, enquanto que, dentre os 150 000 moradores de Rio Verde, município considerado um pólo industrial, 91% residem em área urbana.

3. *Sexo*: Variável extralingüística selecionada como menos relevante pelo GOLDVARB, mostrou que os homens tendem mais a apagar a vogal postônica de proparoxítonas que as mulheres. De acordo com a autora, isso se deve ao fato de que

“homens e mulheres estabelecem um tipo particular de língua, adequando-a sempre em função das pressões sociais”.

Silva (2006), em sua dissertação *Supressão da Vogal Postônica não-final: Uma tendência das Proparoxítonas na Língua Portuguesa com Evidências no Falar Sapeense*, analisa o enfraquecimento da vogal postônica não-final em proparoxítonas, resultando na supressão dessa vogal, e procura mostrar como a presença de alguns fatores internos relacionados a aspectos fonológicos e sociais contribuem para essa supressão.

A metodologia adotada seguiu o levantamento de um corpus de língua falada por moradores da cidade de Sapé, interior da Paraíba, que deviam ser naturais de lá ou, pelo menos, ter morado lá desde os cinco anos de idade, e não ter passado mais de dois anos consecutivos fora dela. São 36 informantes, todos da zona urbana, 18 homens e 18 mulheres, com profissões diversas, selecionados de acordo com o modelo da amostragem aleatória, Assim, foram 18 células, que seguem as variáveis *sexo*, *faixa etária* e *anos de escolarização*, e cada célula é formada por dois informantes, obedecendo à seguinte distribuição:

- a) Sexo: *masculino* e *feminino*
- b) Faixa etária: *15 – 25 anos*; *26 – 49 anos* e *50 anos em diante*
- c) Anos de escolarização: *Pouca escolarização até 2 anos*; *6 – 8 anos* e *mais de 9 anos*

Para as variáveis, seguiram-se os seguintes passos: para dependente, a síncope; para as independentes, sexo, faixa etária e anos de escolarização (extralingüísticas); e o contexto fonológico precedente, o contexto fonológico seguinte, o traço de articulação da vogal, a estrutura da sílaba e a extensão da palavra (lingüísticas). Em relação ao levantamento dos dados, utilizaram-se entrevistas dirigidas e inquéritos fonéticos, e a análise estatística dos dados foi feita através dos programas VARBRUL².

Após as análises dos dados, Silva chegou às conclusões abaixo descritas.

² O Programa VARBRUL, criado em 1971, foi desenvolvido por Sankoff & Rousseau (Cedergren & Sankoff 1974, Rousseau & Sankoff 1978) com o objetivo de implementar modelos matemáticos que tratam estatisticamente de dados lingüísticos variáveis.

1. Para as variáveis extralingüísticas:

a) *Anos de escolarização* – Foi selecionada pelo VARBRUL como a mais relevante das variáveis, para a aplicação da redução da vogal postônica não-final. Esse resultado era o esperado pelo pesquisador, já que - diz ele - a hipótese corrente é que os mais escolarizados tendem a preservar as proparoxítonas, e os menos ou não escolarizados tendem a reduzi-las. Concluiu-se, também, que à medida que os informantes iam elevando o seu grau de instrução, mais utilizavam as formas padrão.

b) *Faixa etária* - Os falantes mais velhos (acima de 50 anos de idade) são os mais voltados ao uso da forma sincopada. Contrariamente à sua hipótese inicial, em que se acreditava que os jovens estariam mais propensos ao apagamento da sílaba postônica não-final em proparoxítonas, por serem mais inovadores, Silva percebeu que estes é que mantêm a variedade padrão.

c) *Sexo* – Os resultados desta pesquisa confirmam o que as literaturas dizem, que as mulheres são as que mais utilizam as variedades padrão. Os homens, por outro lado, utilizam bem mais as formas estigmatizadas (*ipsis litteris*), ou seja, fazem maior apagamento da sílaba postônica não-final em proparoxítonas.

2. Para as variáveis lingüísticas:

a) *Contexto fonológico seguinte* – A mais relevante variável lingüística, escolhida pelo VARBRUL. As líquidas // e /r/ se mostraram as mais favoráveis à síncope, enquanto as não-líquidas foram as que mais rejeitaram esse apagamento. Com a queda da vogal, o padrão silábico CCV aparece, formando um ataque complexo, desde que a segunda consoante seja uma líquida. As não-líquidas, de acordo com a hierarquia de soância, não podem formar a segunda consoante de um ataque complexo, e ficam sujeitas ao apagamento junto com a vogal postônica não-final.

b) *Contexto fonológico precedente* - A análise dessa variável revelou que a fricativa, seguida da oclusiva, são os fatores que mais favorecem a síncope. Fricativas e oclusivas têm maior força e menor sonoridade, sendo menos resistentes à supressão. As laterais e

as nasais são o oposto, por apresentarem menor força e maior sonoridade, sendo bem menos flexíveis ao apagamento.

c) *Extensão da palavra* – Na análise desta variável, percebeu-se que os vocábulos que possuem três sílabas são mais conservadoras, enquanto as que apresentam, em sua estrutura, acima de três sílabas, são mais propícias ao apagamento. Daí, conclui Silva que, na fala, é mais comum a redução de trissílabos que apresentam vogais postônicas não-finais antecidas por uma obstruinte e seguidas por uma líquida. A velocidade da fala também é vista como um fator que facilita essa supressão.

d) *Estrutura da sílaba* – Consideraram-se as estruturas silábicas leve e pesada. Após as análises, constatou-se que a sílaba leve mostrou-se mais favorável à síncope, enquanto que a fechada ou pesada manteve a sílaba postônica não-final; então, concluiu Silva, “isto nos leva a pensar que a quantidade de soância da sílaba acentuada não esteja funcionando como um elemento motivador para a preservação do vocabulário”.

e) *Traço de articulação da vogal* – Os dados revelaram que a coronal apareceu como sendo a mais favorecedora à síncope, embora a literatura aponte o contrário. As vogais labiais (*músculo* > *musclo*; *pérola* > *perla*) são as grandes detentoras do uso padrão, ou seja, são menos propícias à queda do que as outras. Dentre elas, a vogal baixa mostra-se relativamente mais sensível do que as coronais.

Amaral (1999), em sua pesquisa, investiga, utilizando o programa VARBRUL, o fenômeno da síncope em proparoxítonas na fala rural de pessoas do município de São José do Norte, partindo das seguintes hipóteses:

- a) A variação das proparoxítonas é condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos, sendo o contexto fonológico seguinte e a idade dos falantes os fatores mais significativos.
- b) A síncope da postônica não-final permanece na pronúncia dos falantes mais velhos e menos escolarizados como uma regra geral, e na pronúncia dos mais jovens e mais escolarizados como uma regra variável.

Os entrevistados, escolhidos através do modelo da amostragem aleatória estratificada, foram 20 homens e 20 mulheres, todos com baixa escolaridade e com idade acima dos 20 anos. A entrevista seguiu duas etapas, sendo uma a conversa dirigida e a outra a conversa livre, além de um questionário induzido. Em relação às variáveis, selecionaram-se a dependente, o apagamento da sílaba postônica não-final, e as independentes lingüísticas e extralingüísticas, que serão comentadas a seguir.

Amaral tinha por hipótese inicial que as líquidas favoreciam o apagamento das postônicas bem mais que as demais consoantes, por formarem, com o apagamento, um grupo consonantal bem formado. E os resultados a levaram às seguintes conclusões, tendo por base as variáveis lingüísticas, respectivamente, em ordem de maior ocorrência:

1. O *contexto fonológico seguinte* apareceu em primeiro lugar, porque a vibrante /r/ e a lateral /l/ favorecem o processo, embora a /r/ apresente um valor bem mais alto, opondo-se a elas as não-líquidas com o papel desfavorecedor. A pesquisadora conclui que a vibrante mais se destaca nesse processo porque “ela é uma formadora de ataque complexo melhor do que a lateral, uma vez que alguns grupos com esta última são raros (tl) e outros raríssimos (dl). Por isso, há mais grupos consonantais com /r/ do que com /l/”.

2. Os *traços de articulação da vogal* vieram em segundo lugar. As vogais labiais [o, u] foram as mais favoráveis ao apagamento da sílaba postônica, seguidas da dorsal [a]. Por outro lado, as coronais [e, i] se mostraram mais resistentes a esse fenômeno.

3. A seguir, veio a variável *estrutura da sílaba precedente*, cuja análise mostrou que a sílaba leve é mais favorável ao apagamento do que a sílaba pesada. Amaral justifica que isso é devido ao grau de soância, que “funciona como um elemento motivador para a preservação do vocábulo como se a saliência fônica estivesse a exercer um papel”.

4. A análise do *contexto fonológico precedente* mostrou que velares são as que mais favorecem o apagamento silábico, seguidas das labiais. As alveolares e as palatais são desfavoráveis ao apagamento.

Em relação às variáveis extralingüísticas (escolaridade, sexo, faixa etária), Amaral obteve as seguintes conclusões:

1. *Escolaridade*: Considerada a variável social mais significativa para essa pesquisa. A pesquisa foi realizada em uma zona rural, cuja maioria das escolas não oferecia além do ensino da 4ª série do Ensino Fundamental I (5º ano). Assim, a pesquisadora dividiu seus informantes em dois grupos: os que tinham mais de quatro anos de estudo, e os que tinham menos de quatro ou nenhuma escolarização. Os resultados foram os esperados: os formadores do primeiro grupo apagaram menos a sílaba postônica, enquanto os do segundo grupo apresentaram uma tendência bem maior à variável estudada, confirmando, para Amaral, a importância da escola na preservação das formas padrão da língua.

2. *Sexo*: Partindo do princípio que os homens tendem a usar as formas não-padrão com uma maior frequência, diferente das mulheres, que utilizam as de prestígio, Amaral chegou a mesma conclusão que as literaturas por ela analisadas: os homens são mais propícios ao apagamento. Porém, ela conclui que essa variável não é muito significativa para esse fenômeno, já que os resultados se mostraram próximos ao ponto neutro.

3. *Faixa etária*: Essa variável, assim como a variável *tamanho da palavra*, foi descartada, nesta pesquisa, pelo programa VARBRUL. Inicialmente, os falantes foram divididos em dois grupos, em relação à sua idade: no primeiro, os que tinham entre 20 e 50 anos; no segundo, os que tinham acima de 50 anos. Porém, essa divisão foi considerada ampla pela pesquisadora, não permitindo resultados específicos e, mais adiante, para se fazer um estudo no eixo do tempo aparente, Amaral dividiu essa variável em quatro faixas de idade: 24 a 39 anos, 40 a 50 anos, 51 a 59 anos, mais de 59 anos. Nesta nova rodada, a variável foi a segunda a ser escolhida pelo Programa, com os seguintes resultados: os falantes que tinham acima de 59 anos vieram em primeiro lugar na tendência da redução da postônica, seguido pelos mais jovens, de 24 a 39 anos. Os falantes que tinham entre 40 e 59 anos evitavam a síncope.

Araújo et alii (2007), em *As proparoxítonas e o sistema acentual do Português*, refazem um estudo feito por Araújo & Oliveira (2006), que mostra como as palavras proparoxítonas têm sido tratadas nos trabalhos que discutem o acento primário no

Português do Brasil. Eles defendem que as proparoxítonas pertencem à gramática do Português - apesar de, muitas vezes, serem rejeitadas nas análises -, afirmando que qualquer teoria sobre o acento deve considerar o estatuto dessas palavras.

A partir de conclusões, acerca das proparoxítonas, feitas por Câmara Jr. (1970), Leite (1974), Bisol (1992), Sândalo (1999), Lee (1995), entre outros, viu-se que as literaturas comumente apresentavam, de forma geral, os seguintes argumentos:

- a) *Baixa frequência absoluta, em relação às oxítonas e paroxítonas;*
- b) *Síncope da vogal na sílaba pós-tônica, ou extrametricidade da vogal/sílaba final;*
- c) *Introdução na língua a partir do século XVI.*

No afã de comprovar cada um dos casos acima citados, foram selecionadas 18.413 proparoxítonas, todas extraídas do Dicionário Houaiss, e avaliadas estatisticamente com o auxílio de programas na linguagem *MatLab*, com relação à síncope, a consoantes circunvizinhas à vogal acentuada, à introdução na língua (século XVI), à frequência do uso e à qualidade da vogal acentuada.

Sete categorias de proparoxítonas foram encontradas neste estudo, de acordo com o seu peso silábico (L, leve; P, pesada; o negrito indica a tônica): **LLL**, **PLL**, **LPL**, **LPP**, **LLP**, **PLP**, **PPL**, não se encontrando o padrão **PPP** no *corpus*. A seguir, os autores mostram uma lista com exemplos, tentando provar a redução de proparoxítona em paroxítonas.

a)

abóbora →	[a'bɔbra]	cf. abobrinha
árvore →	[ˈarvri]	cf. arvrinha
fósforo →	[ˈfɔsfru]	? fosfrinho
xícara →	[ˈʃikra]	cf. xicrinha
chácara →	[ˈʃakra]	cf. chacrinha
óculos →	[ˈɔklus]	cf. oclinhos

b)

cócegas	→	['kɔska]	cf. cosquinha
física	→	['fizga]	? fisguinha
pêssego	→	['pezgu]	? pesguinho
música	→	['muzga]	? musguinha

c)

córrego		['kɔrgu]	Corguinho
---------	--	----------	-----------

d)

Número		['nuru]
cômodo		['kõdu]

De acordo com os autores, basta um olhar mais atento nos exemplos acima para se perceber que o ambiente fônico de todas as palavras reduzidas favorece sua redução de forma não-aleatória, sendo esta seguida de uma ressilabificação. Se o elemento a ser ressilabificado for /r/ ou // no onset da sílaba final, resultará em um onset complexo, desde que o onset da postônica não-final seja uma oclusiva ou uma labiodental, como nos mostram os exemplos em **a**. Caso aconteça de o elemento ser ressilabificado na coda da sílaba tônica, deve ser, necessariamente, uma das quatro consoantes em posição de coda, como se vê em **b, c, d**, ou seja, um dos arquifonemas /S, R, N, L/.

Baseados nisso, os pesquisadores chegaram às seguintes conclusões:

1. A síncope em uma proparoxítona ocorre quando a sílaba postônica é formada por uma consoante oclusiva ou labiodental e uma vogal, e quando a postônica final possui no onset uma consoante líquida /r, l/. Assim, ocorre a síncope da vogal da postônica e a consoante líquida é ressilabificada, formando um onset complexo, se for possível (abóbora, óculos).

2. Se a sílaba postônica não-final for CV, sendo C um rótico, V é apagada e C é ressilabificada para a coda da tônica (exemplo **c**).

3. Se a sílaba postônica não-final for CV, sendo C uma realização das consoantes contínuas coronais /s, z/, V pode ser apagada, havendo espalhamento do traço (voz) para o onset da sílaba seguinte (exemplo **b**).

4. Se a sílaba postônica não final for CV, sendo C uma realização das consoantes nasais /m, n/, a postônica pode ser apagada, e ocorre espalhamento da nasalidade para a tônica, anteriormente oral (exemplo **d**).

5. A consoante // não é ressilabificada, não havendo síncope quando aquela ocupa a posição de onset na sílaba postônica não-final, mesmo que // seja uma consoante possível na condição de coda. Pressupõe-se, desse modo, que não há síncope mesmo se o alofone [w] de [l] seja possível em posição de coda, porque a perda da distinção morfológica compromete a lexicalidade da palavra. Argumenta-se, também, que após a síncope vocálica, a consoante da sílaba apagada deve manter uma fidelidade em seus traços, inviabilizando sua mudança para [w] (ex: evangélico - ??[evã¹ʒewku]; católico - ??[ka¹towku]).

6. Em palavras que apresentam [s] ou [z] no onset da sílaba final seguidos de [i], a vogal final é apagada, e a consoante é ressilabificada para a coda da sílaba postônica, resultando em uma paroxítona. Esse caso se distingue dos demais por ocorrer uma apócope (ex: apólice – [a¹pōlis]; elefantíase – [elefã¹tʃiaz]).

7. A síncope não ocorre quando as consoantes /p t k b g f v d/ estiverem, após a síncope, nas posições de coda da tônica e onset da postônica não-final, porque elas não são permitidas, no sistema do Português Brasileiro, caso houvesse apagamento da vogal postônica não-final, nem como coda da tônica, nem como segundo elemento de um onset complexo da postônica resultante (ex: médico – *[mɛdku]; rápido – *['xapdu]; época - *['ɛpka]).

Após essas conclusões, são feitas comparações com as conclusões a que chegaram Câmara Jr. (1970), Leite (1974), Bisol (1992), Sândalo (1999) e Lee (2004), acerca das proparoxítonas. Araujo et ali concordam que pessoas com baixa escolarização, ou até mesmo sem escolarização, também produzem proparoxítonas, e que fatores como o letramento e a democratização aumentam a ocorrência de proparoxítonas em muitas variantes. Porém, afirmam, a influência da gramática normativa e a produção de proparoxítonas não sustentam uma relação de causa e consequência, assim como a síncope e/ou a redução vocálica no PB não parecem estar relacionadas com a diminuição das proparoxítonas. Essa redução – concluem – “parece ser oriunda da possibilidade de estruturas silábicas menos marcadas prevalecerem em relação a estruturas mais marcadas”.

Em relação à introdução tardia das proparoxítonas na Língua Portuguesa (a partir do século XVI), afirma este estudo que são esperados dois fatos estatísticos: primeiro, a data média da primeira documentação na língua para proparoxítonas deve ser bem maior do que para as demais; segundo, a distribuição empírica das proparoxítonas deve apresentar uma transição evidente ou um pico no século XVI, data da suposta introdução da maioria dessas palavras.

Através da análise da evolução temporal do número de palavras criadas em cada século, presentes no Houaiss e de acordo com a tonicidade, comprovou-se, neste estudo, que tanto as proparoxítonas como as não-proparoxítonas entram na língua, regularmente, em todos os séculos. Percebeu-se uma tendência de crescimento de pico nos séculos XII, XVI e XIX, tanto para proparoxítonas como para as não-proparoxítonas, que são assim explicados: o primeiro pico está associado ao surgimento do Português como língua independente; e o último pode estar ligado, entre outras coisas, “às revoluções tecnocientíficas, à explosão demográfica na Europa e na América e à consolidação da escolarização universal que promoveu um letramento em massa, resultando em um número maior de obras literárias e não-literárias impressas”. O segundo fato estatístico também se mostrou equivocado, já que o surgimento das proparoxítonas manteve uma trajetória crescente, destacando-se nos séculos XIX e XX.

Esta pesquisa encerra com as conclusões que, para seus pesquisadores, são especificamente relevantes:

- a) Sempre houve proparoxítonas em Português;

- b) As reduções de proparoxítonas em paroxítonas ocorrem em determinados contextos, mas também há oxítonas que se transformam em paroxítonas e paroxítonas que se transformam em proparoxítonas;

- c) Não há evidências que provem que os falantes evitam as proparoxítonas, ou que haja um redirecionamento para uma mudança de posição de acento;

- d) Palavras oxítonas e proparoxítonas, cujos padrões acentuais não são o canônico, podem ser encontradas em qualquer tempo, e sua criação é proporcional à sua representatividade no corpus;

- e) O princípio de conservação do acento ainda está ativo, fato que se prova em empréstimos recentes.

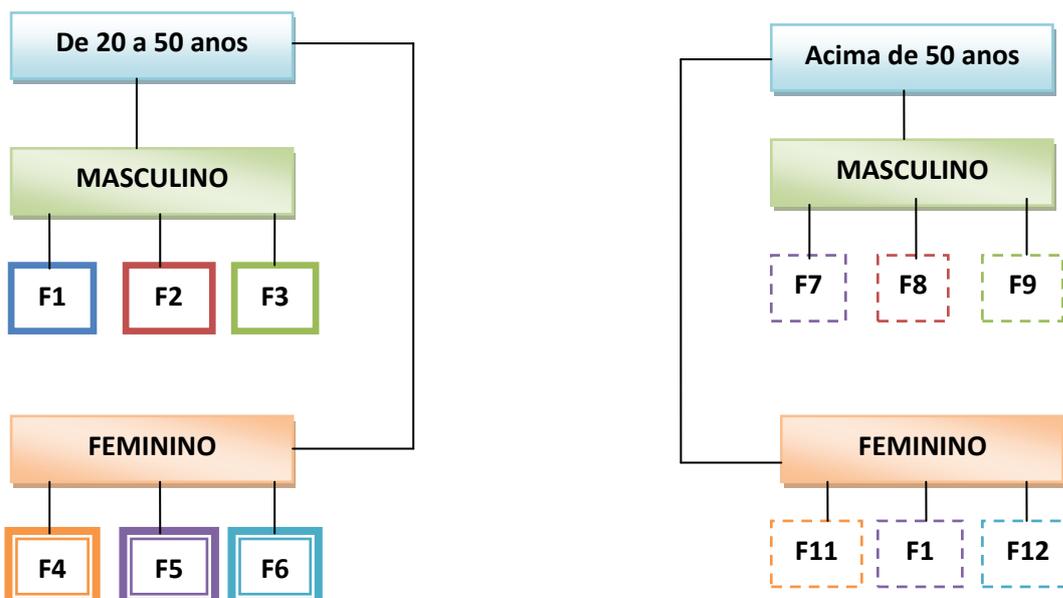
2 METODOLOGIA

2.1 Aspectos gerais

O célebre estudioso brasileiro, Fernando Tarallo, deixou bem claro, em seu bastante útil Manual de Metodologia da Pesquisa Sociolinguística, que em toda comunidade de fala existem formas lingüísticas em variação. Para se analisar estas formas lingüísticas, é necessário que se conheça de perto as suas variáveis. Com base na Teoria de Labov (2008), e partindo dos estudos prévios sobre as proparoxítonas, mencionados anteriormente, selecionamos os critérios abaixo, que serão detalhados à medida que forem apresentados.

2.2 População e amostra

Foram escolhidas, para este trabalho, 12 pessoas, divididas da seguinte maneira: 03 homens e 03 mulheres, de 20 vinte a 50 anos de idade, e 03 homens e 03 mulheres, acima de 50 anos de idade. Todas elas são naturais do município de Jaboatão, e nele residem desde o seu nascimento, com escolaridade de até a 4ª série (5º ano) do Ensino Fundamental e exercendo funções que variam de pedreiro, costureira, babá, pintor, a desempregados, como vemos no quadro abaixo (F corresponde aos informantes):



CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES			
INFORMANTES	FAIXA ETÁRIA	SEXO	ESCOLARIDADE (POR SÉRIE)
F1	43 anos	Masculino	2ª série
F2	48 anos	Masculino	4ª série
F3	31 anos	Masculino	3ª série
F4	37 anos	Feminino	3ª série
F5	44 anos	Feminino	2ª série
F6	37 anos	Feminino	4ª série
F7	74 anos	Masculino	4ª série
F8	68 anos	Masculino	3ª série
F9	65 anos	Masculino	4ª série
F10	60 anos	Feminino	4ª série
F11	75 anos	Feminino	4ª série
F12	82 anos	Feminino	Não escolarizada

2.3 Coleta de dados

Por não se dispor, em Pernambuco, de um corpus recente, constituído a partir do modelo variacionista e que permitisse o estudo das proparoxítonas, não se pôde utilizar o método VARBRUL nesta pesquisa. Dessa feita, procedeu-se a coleta de dados para que se pudesse iniciar as análises e se realizar as considerações a respeito dos fenômenos fonológicos comumente encontrados na elocução de vocábulos originalmente proparoxítonos, mas que se alteram ao serem pronunciados.

Inicialmente, foram selecionadas 400 palavras proparoxítonas, retiradas de dicionários da Língua Portuguesa e da internet. Desse número, iniciou-se uma triagem, que consistiu na escolha de palavras que fossem comuns na fala de pessoas que apresentassem baixo nível de escolaridade. Assim, foram elaborados os métodos de coleta de dados, baseados em 60 vocábulos proparoxítonos.

De acordo com Amaral (1999, p. 139), os sociolinguistas não recomendam que o entrevistador se apresente como fazendo parte de uma universidade, já que isso pode criar uma situação de embaraço; mas, aos informantes que participaram deste trabalho foi dito que as gravações feitas com suas vozes eram para um estudo a ser realizado na UFPE, com o objetivo de analisar as entonações de cada um deles. Essa revelação deixou os entrevistados bem menos envergonhados do que lisonjeados, e apesar de vários deles se esmerarem, no início, para falar ou ler o que eles consideram “da maneira correta”, logo estavam à vontade, sem as amarras da “correção”, porque eram todos conhecidos pelo entrevistador.

Foram estabelecidos quatro instrumentos para a coleta de dados. O primeiro deles consistiu em amostragem de figuras; o segundo, em um questionário oral; o terceiro, em leitura de palavras; o quarto, em um texto verbal. Nesses métodos, empregados em todas as entrevistas, havia palavras proparoxítonas.

Na amostragem de figuras (vinte), os entrevistados as viam e diriam seus nomes, um a um, sem que houvesse um tempo determinado para isso. Por várias vezes, os informantes não conseguiam lembrar os nomes das figuras e, quando isso acontecia, estas eram postas de lado, até que todas as demais fossem expostas. Então, novamente o informante olharia para a figura de cujo nome ele se esqueceu, dizendo-o, por fim.

No segundo instrumento - o questionário -, o entrevistador fazia uma série de 40 perguntas, orientando o informante que ele deveria respondê-las com uma única palavra. As perguntas eram direcionadas de um modo que o informante as respondesse com uma palavra proparoxítona. Quando esse objetivo não era alcançado, havia variações nas perguntas, sendo feitas outras com o mesmo sentido da anterior, até que a resposta pretendida fosse dada. Uma situação bem rotineira, ocorrida durante o questionário, era quando esta pergunta era lançada: “Quando o gelo se derrete, ele fica de que forma?” Quase que unanimemente, os informantes respondiam: “Água”. Então, a

pergunta era refeita, deste modo: “A água é sólida? Se não é, qual é a sua forma?” Então, a resposta esperada vinha: “Líquida”.

Outra dificuldade encontrada, neste instrumento, foi em relação a algumas perguntas, porque por mais simples que elas parecessem ser, os entrevistados não souberam responder, principalmente por não conhecerem palavras como bússola, âncora, hélice, nádega, pílula, pétala, tentáculo.

O instrumento seguinte era a leitura de palavras proparoxítonas, que eram as respostas esperadas quando o questionário era empregado. O informante recebia o papel com o questionário, cujas respostas – apenas uma palavra – estavam no final das perguntas, entre parênteses. Assim, o entrevistado só tinha que ler essas palavras.

O quarto instrumento – o texto verbal – era o último a ser empregado. Constituído por três parágrafos, ele conta a história de uns soldados que desembarcaram em uma ilha, a caminho de uma guerra. Nele, misturaram-se proparoxítonas, quase todas já utilizadas nos instrumentos anteriores. O informante ficava à vontade com ele, para analisá-lo, e a sua leitura iniciava em um momento propício ao entrevistado.

2.4 Levantamento e análise de dados

O levantamento de dados foi através de entrevistas dirigidas, leituras de imagens e de palavras. Posteriormente, as gravações, feitas em um MP10, foram transferidas para um computador, e através deste foram feitas as transcrições fonéticas das palavras proparoxítonas, para que, assim, ocorressem as análises, a fim de se perceber a redução silábica a que esta pesquisa se propôs estudar. A partir das transcrições, os dados foram codificados e discutidos, como será visto no capítulo seguinte.

2.5 Apresentação das variáveis

Variável lingüística, de acordo com Tarallo (2007, p. 08), é um conjunto de variantes – vários modos de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade. Nessa perspectiva, é necessária a seleção de possíveis condicionadores internos e sociais

encontrados na fala dos informantes utilizados em uma pesquisa. Assim, serão analisadas as variáveis dependentes (lingüísticas) e as independentes (lingüísticas e extralingüísticas), variantes estas utilizadas nas pesquisas aqui mostradas sobre as proparoxítonas.

2.5.1 Variável dependente

A síncope ocorrida na sílaba ou na vogal postônica das palavras em estudo, resultando em paroxítonas, será a variável dependente em nossa análise. Conforme Câmara Jr (1978), a síncope é a perda de um fonema no interior de um vocábulo. Nas proparoxítonas, ela pode ocorrer na vogal postônica, como em xícara ~ [ˈʃi. kra], ocorrendo a paroxitonização. Silva Neto (*apud* QUEDNAU, 2002) diz que a queda da vogal postônica é uma das características mais sugestivas do latim vulgar (como se pode ver nos exemplos abaixo, retirados do *Appendix Probi*, glossário anônimo destinado a corrigir possíveis desvios da norma culta da língua), repetindo-se, hoje, nos dialetos:

(1) *masculus non masclus*

angulus non anglus

calida non calda

oculus non oclus

stabulum non stablum

2.5.2 Variáveis independentes

Para a elaboração deste estudo, foram selecionadas oito variáveis independentes: três extralingüísticas e **quatro** lingüísticas. As variáveis extralingüísticas foram sexo, faixa

etária e anos de escolarização. Esses três fatores são considerados determinantes na vida de um ser humano, já que influenciam diretamente sua maneira de falar.

2.5.2.1 Variável sexo

Em seu estudo sobre o inglês falado em Martha's Vineyard, Labov (2008, p. 281) afirma que, na fala monitorada, e em relação aos homens, as mulheres usam menos as formas de menor prestígio, por serem bem mais sensíveis do que aqueles ao padrão de prestígio. Indo de encontro à idéia de que as mulheres lideram o curso das mudanças lingüísticas, Trudgill (*apud* Labov, 2008) postula:

As mulheres são mais influenciadas pelas formas-padrão do que os homens, mas os homens estão na dianteira no uso de novas formas vernáculas na fala informal. (...) A generalização correta, então, não é a de que as mulheres lideram a mudança lingüística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução lingüística.

Neste trabalho, verificar-se-á, nesta variável (definida como **masculino e feminino**), a ocorrência das variantes em análise.

2.5.2.2 Variável faixa etária

Conforme as literaturas que abordam as pesquisas sociolingüísticas, a faixa etária dos informantes é um dos fatores decisivos na análise de uma comunidade de fala, e elas afirmam que, quanto maior for a idade de uma pessoa, mais resistente esta se tornará às mudanças lingüísticas. Concordamos com Hora (2004), quando ele diz que as pessoas mais jovens parecem ser essenciais para o progresso da mudança sonora, apesar de os resultados obtidos através da análise desta variável nem sempre fornecerem uma resposta concreta em relação ao modo como essa mudança prossegue ao longo de seus

vários níveis. Assim, analisar-se-ão os informantes em dois grupos etários: de 20 a 50 anos de idade, e acima de 50 anos de idade.

2.5.2.3 Variável escolaridade

Segundo Silva (2006), “Para estudos que analisam o comportamento social de uma determinada comunidade, a *escolarização* é tida como um fator de grande relevância, pois distingue o estilo de fala padrão do não-padrão”. Por isso, nesta variável serão avaliados informantes que tenham cursado até a 4ª série (5º ano) do Ensino Fundamental.

2.5.2.4 Contexto fonológico antecedente

O ponto de articulação, nas análises fonológicas, sempre se mostra relevante. Aqui, serão analisados estes pontos no contexto fonológico antecedente à vogal da postônica, a saber:

PONTO DE ARTICULAÇÃO	PALAVRAS
VELAR	Triângulo
PALATAL	Página
BILABIAL	Lâmpada
LABIODENTAL	Fósforo
LÍQUIDA LATERAL	Hélice
LÍQUIDA VIBRANTE	Cérebro

2.5.2.5 Contexto fonológico seguinte

De acordo com Amaral (1999), a síncope de segmentos da sílaba medial postônica antes das líquidas *r* e *l* no ataque da última sílaba tem tradição histórica. Assim, analisar-se-ão as postônicas finais, a fim de se verificar se a ocorrência da síncope nas palavras em estudo foi influenciada pela consoante da sílaba final. As consoantes analisadas serão:

- a) Líquida lateral (músculo)
- b) Líquida vibrante (xícara)
- c) Não-líquida (ginástica)

2.5.2.6 Traço de articulação da vogal da sílaba postônica

Verificar-se-á se o ponto de articulação das vogais que sofrem a síncope apresenta relação com o processo de apagamento.

- a) Labial (círculo)
- b) Dorsal (lâmpada)
- c) Coronal (cérebro)

2.5.2.7 Estrutura da Sílaba Anterior

Com a análise desta variável, procurar-se-á verificar se a constituição da sílaba (seja leve, seja pesada) influencia na paroxitonização das palavras em estudo, já que, para Bisol (2005, p. 104), o ataque silábico é irrelevante para a constituição do peso de uma sílaba, ou seja, uma sílaba é pesada se tiver sua rima ramificada.

- a) a.**bó**.bo.ra (leve)
- b) **mús**.cu.lo (pesada)

3 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS

3.1 Contexto fonológico antecedente

Em relação ao ponto de articulação, foram observadas as consoantes precedentes à sílaba tônica, listadas na tabela abaixo, que favoreceram a ocorrência da síncope em vogal e/ou consoante na postônica não-final, como nos mostra a tabela abaixo.

PONTO DE ARTICULAÇÃO	PALAVRAS
VELAR (k, g)	Triângulo, xícara, músculo, óculos, círculo, âncora, tentáculo
PALATAL (ʃ, ʒ, z)	Música, mágico, tóxico, página
BILABIAL (p)	Lâmpada, relâmpago
LABIODENTAL (f, v)	Fósforo, árvore
LÍQUIDA LATERAL (l)	Hélice, libélula, pílula
LÍQUIDA VIBRANTE (r)	Cérebro

A partir dos dados mostrados no quadro acima, analisar-se-á o modo de articulação, mostrados em um quadro, ao lado das variantes utilizadas, e será mostrado como os fenômenos fonológicos de redução ocorreram.

Como visto no capítulo 02, a sonoridade apresenta um papel importante na estrutura silábica. De acordo com a escala de sonoridade proposta por Bisol (2005), tem-se o seguinte, da menor para a maior sonoridade: O > N > L > V (respectivamente, obstruinte, nasal, líquida, vogal). A partir dessa escala, foram tecidas as conclusões.

01. Oclusivas e fricativas, de acordo com a escala de sonoridade, possuem uma menor soância, mas uma força maior. De acordo com Vennemann (1988), em sua teoria sobre a Força Universal de Consoante, quanto mais alta for a escala em que se encontra a consoante, mais esta se tornará resistente a mudanças, e isso é propício para que a síncope na vogal e/ou consoante presente(s) na postônica ocorra sem que esses pontos de articulação se apaguem, fato que se comprova nos vocábulos abaixo:

VOCÁBULOS (oclusivas /k,g/)	VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
TRIÂNGULO	[tri. 'ã.glu]; [tri. 'ã.gu]	10	66
XÍCARA	['ʃi. kra], ['ʃi. ka]	19	
MÚSCULO	['mus.klu], ['muʃ.klu], ['mur.klu]	08	
ÓCULOS	['ɔ.krus], ['ɔ.kru], ['ɔ.kluʃ], ['ɔ.kuʃ], ['ɔ.klu], ['ɔ.kruʃ]	21	
CÍRCULO	['sir.klu], ['sir.ku]	07	
TENTÁCULO	[tẽ. 'ta.klu]	01	
ÂNCORA	-----	00	

VOCÁBULOS (fricativas /ʃ, ʒ/)	VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
MÁGICO	['maʒ.ku], ['maʃ.ku]	03	08
TÓXICO	['tɔ.kɔ], ['tɔ.ʃi]	02	
PÁGINA	['paʒ.na] ['paʃ.na] ³	03	

³ Neste item lexical, a fricativa palatal foi realizada uma vez apenas como fricativa glotal sonora. Esse fenômeno decorre do enfraquecimento de algumas fricativas em posição de coda ou de ataque silábico, que se realizam opcionalmente [h, fi], fricativa glotal surda e sonora, respectivamente, como em ['hamu] 'vamos', [a'fiẽti] 'a gente' e ['mefimu] 'mesmo'.

Através das observações das ocorrências da síncope nos vocábulos estudados, após as velares e palatais que formam o ponto de articulação anterior ao segmento apagado, concluiu-se o seguinte:

a) As proparoxítonas sofrem redução de um modo não-aleatório. Após a síncope, tanto da vogal quanto da consoante postônicas, os elementos resultantes se juntam, ocorrendo uma ressilabificação, de acordo com o ataque das sílabas postônicas. Se o ataque da sílaba final for formado por uma líquida, resultará, na sílaba nova, um ataque complexo, se no onset da postônica não-final houver uma oclusiva ou uma labiodental.

b) De modo geral, após a síncope, formam-se sílabas aceitas pelos padrões de boa formação de silabação da Língua Portuguesa. A seguir, serão analisadas as variantes, obtidas após a síncope, que apresentam processos fonológicos semelhantes.

Sílabas com ataque complexo, formadas após a síncope (/klu/, /glu/, /kra/, /kru/):

- ✓ A síncope ocorreu, com maior frequência, em vogais, muitas vezes proferidas pelos mesmos falantes ([ʃi. kra]; [ʷ.klu]; [ʃir.klu]).
- ✓ Em [tẽ.ʹta.klu], variante utilizada apenas por uma informante, não-escolarizada e com mais de 50 anos, ocorreu o mesmo processo que houve em [ʃir.klu], resultando em uma sílaba com onset complexo.
- ✓ [ʃi. kra] foi pronunciada por 10 dos entrevistados, em todos os tipos de instrumentos utilizados para a coleta de dados. Porém, um casal de informantes, ambos com mais de 50 anos e com idêntico grau de escolaridade (4ª série completa), utilizou essa variante apenas na leitura do texto, provavelmente porque as palavras proparoxítonas, neste instrumento, se encontravam entre

muitas outras, e isso deixava os leitores mais à vontade, desprendidos da autocorreção.

- ✓ Com as variantes ['ɔ.krus], ['ɔ.kru] e ['ɔ.klu], usadas quase que igualmente entre homens e mulheres, com idade e escolaridade diversas, também não foram diferentes os processos. A queda da vogal /u/, na postônica, levou a velar /k/ a dirigir-se à sílaba seguinte, formando uma CCV aceita por nossos padrões silábicos. Em ['ɔ.krus], ocorreu o fenômeno chamado rotacismo, em que a lateral /l/ é substituída pela vibrante /r/, e em ['ɔ.kru], além do rotacismo, houve a queda da fricativa que forma a coda da sílaba final, como em ['ɔ.klu], fenômeno também comum na Língua Portuguesa, como ocorre em ['õ.ni.bu], ['la.pi] etc.
- ✓ Em relação à ['sir.klu], seu uso foi feito por 04 entrevistados, cada um pertencente a variáveis sociais diversas: dois homens (um com mais de 50 anos, mas com igual nível de escolaridade), e duas mulheres (uma com mais de 50 anos, e que nunca foi à escola; a outra, com menos de 50 anos, com o nível fundamental de escolaridade completo).
- ✓ Uma das variantes obtidas do vocábulo *triângulo* foi [tri. 'ã.glu]. Nesta, houve só a queda da vogal postônica não-final /u/, tornando-se flutuante a velar /g/, sendo necessário que houvesse uma ressilabação desse elemento. A velar não pode dirigir-se à sílaba anterior a ela, /ã/, para formar sua coda, pois resultaria em uma sílaba não-aceita por nossos padrões silábicos, /aNɣ/. Então, ela passa a fazer parte do ataque da sílaba que a precede, /lu/, formando uma sílaba com uma estrutura permitida pelos padrões silábicos, a CCV /glu/, criando-se, assim, a

variante [tri.ˈã.glu]. Esta variante foi utilizada por 04 falantes, três deles homens, dois com idade menor que 50 anos. O falante do sexo feminino possui escolaridade fundamental completa, e está acima dos 50 anos. Os do sexo masculino têm nível fundamental incompleto (até a 3ª série), e nestes se percebeu, ao longo das pesquisas, a ocorrência frequente da síncope, o que não ocorre ao longo das entrevistas com o falante do sexo feminino que utilizou essa variante.

- ✓ Em *músculo*, houve as variantes [ˈmus.klu], [ˈmuʃ.klu] e [ˈmuʃi.klu]. Em todas, aconteceu o processo esperado, a queda da vogal, indo a consoante flutuante fazer parte do ataque da sílaba final. Porém, enquanto em uma permanece o elemento fricativo alveolar /s/, em outra esse elemento é palatalizado, transformando-se em /ʃ/, permanecendo ambos desvozeados, e em outra variante o elemento formador da coda da tônica passa a ser um tepe alveolar vozeado /r̃/. Os informantes que utilizaram a variante [ˈmus.klu] foram duas mulheres (uma com menos de 50 anos) com igual nível de escolaridade, havendo bem mais redução de palavras nas entrevistas da mais jovem do que nas da mais velha. [ˈmuʃ.klu], pronunciada por quatro informantes, prevaleceu entre os falantes masculinos (de três, dois têm menos de 50 anos e mesma escolaridade, 3ª série, assim como o mais velho); o informante feminino possui mais de 50 anos e não é escolarizada. A variante [ˈmur.klu] foi usada apenas por um falante, de sexo feminino, acima de 50 anos, tendo estudado até a 3ª série do Ensino Fundamental.

- ✓ Diante de líquidas (lateral e vibrante), com a queda da vogal, as consoantes velares se agregam à sílaba final, formando ataques complexos.

Sílabas com ataque simples, formadas após a síncope (/ka/, /, /ku/, /gi/, /zi/, /kɔ/):

- ✓ Nas variantes ['sir.ku] e ['ʃi. ka], não se pôde precisar como se deu o processo de redução. Em *círculo* e em *xícara*, as sílabas que resultaram após a tônica foram /ku/ e /ka/. Se após a tônica de *círculo* há duas sílabas, /ku/ e /lu/, duas possibilidades podem acontecer: na primeira, houve síncope dos elementos /u,l/, presentes em sílabas diferentes, restando o elemento final /u/ e formando-se a palavra ['sir.ku]; na segunda, foi sincopada toda a sílaba final, /lu/, formando-se, também, o vocábulo ['sir.ku]. Por serem foneticamente idênticas as vogais postônicas, em ambas as palavras analisadas, torna-se bem difícil definir com exatidão qual delas cai. Porém, como em outras palavras da língua a queda é da postônica medial, é provável que isso também tenha ocorrido com essas variantes e, ao cair a vogal, a consoante que a segue a acompanha.
- ✓ No tocante à formação da variante [tri. 'ã.gu], ocorreram os mesmos processos que formaram a variante anterior, [tri. 'ã.glu]. São considerados alguns pontos: Primeiro, a seqüência silábica CCV é permitida, mas uma sílaba assim formada não está entre as mais comuns na Língua Portuguesa; então, há a síncope da lateral /l/, para que a sílaba padrão CV prevaleça, formando a sílaba /gu/. Segundo, é utilizada a parte posterior da língua como articulador ativo, e o palato, como articulador passivo, para que seja pronunciada a velar /g/; o ápice da língua como articulador ativo e os alvéolos como articuladores passivos, para

a pronúncia da lateral /l/. Isso significa que, ao serem pronunciadas, respectivamente, as consoantes que formam a sílaba /glu/, a língua é projetada primeiro para trás para, logo em seguida, ser lançada para frente, exigindo esforço na produção dessa sílaba. Seguindo essa descrição articulatória, pode-se pensar que a distância dos articuladores pode requerer um maior esforço na articulação. Para que haja uma redução significativa desse esforço, é sincopada a lateral e não a velar, de acordo com a Força Universal de Consoante, que defende a idéia de que quanto mais alta for a escala de Força Consonantal, maior será a resistência a quedas, restando, por fim, a variante [tri. 'ã.gu]. Usada por 06 informantes, três homens e três mulheres, o uso dessa variante apresenta em comum o fato de que apenas dois dos informantes, de sexo diferentes, têm acima de 50 anos; entre os demais, com menos de 50 anos, dois não sabem ler, apesar de terem ido à escola (um homem e uma mulher), e o outro casal lê precariamente.

- ✓ Com ['ɔ.kuʃ], o processo foi o mesmo que houve com outras variantes: houve a queda da postônica medial e da consoante líquida que, se não caísse, poderia formar um ataque complexo, o que dificultaria a produção de fala desse vocábulo. Essa variante foi utilizada apenas por uma informante, com nível fundamental completo e com menos de 50 anos, uma das que menos reduziu as proparoxítonas.
- ✓ Com as palatais, um elemento foi ressilabificado para a coda da sílaba tônica, resultando nas variantes ['muz.ka], ['muʃ.ka], ['maʒ.ku] e ['maf.ku], efeito inverso ao que aconteceu com as oclusivas. Havendo a síncope da vogal /i/, as

consoantes resultantes [s] e [g], ficaram flutuantes, necessitando-se que houvesse uma ressilabificação. Não permitindo os padrões silábicos da variável estudada um onset formado pela seqüência [ska] ou [zka], o que resultaria nas palavras ['mu.ska] e ['ma.zku], a consoante flutuante foi agrupada, através da ressilabificação, à coda da sílaba tônica, resultando em uma sílaba bem formada: [muz] e [maz]. A palatalização encontrada nas outras variantes será comentada em um tópico posterior. Tanto ['muz.ka] quanto ['muʃ.ka] foram faladas por apenas um informante, de sexo diferente, mas na mesma faixa etária, abaixo dos 50 anos, ambos com leitura precária. ['maz.ku] e ['maʃ.ku] foram utilizadas apenas por mulheres: a primeira variante, por uma não-escolarizada, acima de 50 anos; a segunda, por duas falantes abaixo de 50 anos. Uma delas, apesar de ter freqüentado a escola até a 3ª série, não sabe ler.

- ✓ Com o vocábulo *página*, ocorreram duas variantes. Em ['paʒ.na], houve a queda do núcleo da postônica, como ocorreu em grande parte das palavras que sofreram redução, indo a consoante flutuante formar a coda da sílaba tônica, por não poder formar um onset complexo com a sílaba final, o que resultaria em um grupo CCV não permitido pelos padrões silábicos: [ʒna]. Com ['paʃi.na], a consoante restante, após a síncope da vogal, passou a formar a coda da tônica; porém, ao se deslocar para a sílaba tônica, a palatal [ʒ] passa a ser uma fricativa glotal sonora /ʃ/, provavelmente por compartilharem o mesmo modo de articulação, isto é, ambas são fricativas. Esse fenômeno, ou seja, a troca de lugar de articulação entre essas duas consoantes é bastante comum na Língua Portuguesa, como se comprova em ['ʒẽ.ti] ~ ['ʃẽ.ti].

- ✓ Em [ˈtɔ.kɔ], realização da palavra *tóxico*, foi produzida dessa forma por apenas um dos entrevistados. Nesse caso, houve síncope da sílaba postônica [ʃi]. A variante [ˈtɔ.ʃi], também utilizada pelo mesmo falante, sofreu síncope da sílaba final. Em isolado, essas variantes podem soar estranho, por não levarem o ouvinte, de imediato, a fazer ligação com a palavra *tóxico*. A variante normalmente ouvida para esta é [ˈtɔʃ.ku], ou seja, sempre com a presença da fricativa e da consoante da sílaba seguinte, sendo sincopado apenas o som vocálico. As duas variantes acima descritas foram usadas pela mesma pessoa, uma mulher com menos de 50 anos, que estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental. Por serem variantes incomuns, e terem ocorrido apenas na fala dessa informante, pode-se inferir que essa forma seja menos ocorrente na língua.
- ✓ O vocábulo *âncora* foi o único, neste estudo, em que a síncope não ocorreu, apesar de, como dito anteriormente, uma oclusiva seguida por uma líquida na postônica facilitar esse fenômeno. Possivelmente, isso aconteceu devido ao fato de os núcleos que formam as suas sílabas finais pertencerem a pontos de articulação diferentes.
- ✓ Todas as palatais que pertenciam à sílaba postônica que sofreu síncope da vogal foram ressilabadas para a sílaba tônica, formando sua coda, como em [ˈmaʃ.ku].
- ✓ Não só houve a ocorrência da queda de vogais precedidas por velares e palatais, [ˈʃi. kra], [ˈmuʃ.ka]. Houve síncope de sílabas finais inteiras, resultando em variantes pouco comuns à Língua Portuguesa, como em [ˈtɔ.kɔ], [ˈtɔ.ʃi], embora apresentem formações silábicas aceitas pelos padrões da boa formação.

02. Após as velares e palatais, as consoantes que ocupam o ataque da sílaba reduzida são as labiodentais /f,v/, como comprova o quadro abaixo.

VOCÁBULOS (labiodentais /f,v/)	VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
FÓSFORO	[¹ fɔs.fru], [¹ fɔf.ku]	08	12
ÁRVORE	[¹ a.vri]	04	

a) Com as labiodentais, os processos que ocorreram não são diferentes dos que houve com as velares e palatais.

- ✓ Houve apenas síncope vocálica, como se vê em [¹a.vri] e em [¹fɔs.fru]. As sílabas resultantes após a síncope são aceitas pelos padrões de boa formação silábica. [¹fɔs.fru] foi utilizada por dois falantes: um homem, com menos de 50 anos, e uma mulher acima de 50, ambos com a 4ª série completa. Quatro dos entrevistados falaram [¹a.vri]: três deles (uma mulher) possuem abaixo de 50 anos, e o quarto é um homem, com mais de 50 anos. Todos os quatro apresentaram muitas dificuldades não só em leitura, mas na fala espontânea também.
- ✓ Uma das variantes obtidas foi [¹fɔf.ku]. Nela, ocorreram dois processos fonológicos nas sílabas postônicas: o primeiro, foi a síncope total da sílaba postônica não-final; o segundo, foi a redução da sílaba medial, ocorrendo a produção de uma oclusiva na posição de ataque da sílaba final. A realização da oclusiva provavelmente ocorreu devido ao fato de, havendo sido sincopada a sílaba postônica não-final, resultou o seguinte vocábulo: [¹fɔs. ru], cuja pronúncia traz dificuldades ao falante, já que a coda da tônica é formada por

uma fricativa e o ataque da sílaba final é formado por uma líquida vibrante, ocorrendo, assim, a realização da oclusiva. Essa variante foi utilizada por seis informantes, cinco deles pertencentes ao grupo que tem abaixo de cinquenta anos, sendo o sexto do sexo masculino. Entre estes seis, há apenas uma mulher. Esses resultados confirmam a hipótese de que é entre os homens que mais ocorre a síncope em proparoxítonas.

- ✓ Se as labiodentais formarem o contexto fonológico precedente, a síncope da postônica ora resultará numa formação de uma sílaba final com ataque complexo [fru], [vri], ora as sílabas postônicas são transformadas em uma, cujo ataque é formado por uma velar: ['fɔʃ.ku].

03. No tocante às líquidas (lateral e vibrante), observaram-se os seguintes processos:

VOCÁBULOS (líquida lateral /l/)	VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
HÉLICE	-----	00	03
LIBÉLULA	['li.be.la]	01	
PÍLULA	['piw.la] ['pi.lua]	01 01	

VOCÁBULO (líquida vibrante /r/)	VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
CÉREBRO	['sɛ.bru];	02	02

- ✓ Na palavra *libélula*, houve a síncope da sílaba postônica não-final; porém, inesperadamente, não houve paroxitonização. Houve mudança da sílaba tônica, resultando no vocábulo ['li.be.la], incomumente encontrado na fala, mesmo que esta seja de elocução livre, e o vocábulo resultante permanece proparoxítono, como a palavra de que ele resultou. Utilizada apenas por uma informante, que

possui mais de 50 anos. Pode-se inferir que essa seja uma produção localizada, possivelmente não representando uma forma variável da língua.

- ✓ Com a variante [ˈpiw.la], ocorreu o seguinte processo: foi sincopada a consoante da postônica não-final, permanecendo sozinha a vogal /u/, que passa a ser uma semivogal, para que a palavra seja realizada com acento paroxítono: [ˈpi.lu.la], resultando em [ˈpiw.la]. A vogal da postônica, caso se dirija à sílaba final, formará uma sílaba VCV, não comum aos padrões silábicos da Língua Portuguesa. Logo, ela se dirige à sílaba anterior, formando, com seu núcleo, uma glide: [ˈpiw.la].
- ✓ Em relação à variante [ˈpi.lua], ocorreu um fenômeno não esperado, a síncope na consoante da sílaba final, /l/, levando a vogal a se dirigir à sílaba que a antecede, passando a ser glide da postônica. Enquanto [ˈpiw.la] foi utilizada por duas mulheres, de faixa etária diferenciada, possuindo a falante mais velha a 4ª série completa, e a outra 3ª incompleta, com dificuldades nas leituras, [ˈpi.lua] foi utilizada por uma só falante, que não frequentou a escola e está bem acima dos 50 anos.
- ✓ Na palavra *cérebro* houve a síncope total da sílaba postônica não-final, ocorrendo a variante [ˈsɛ.bru]. A partir do fato de que o mostrado nas pesquisas da paroxitonização de vocábulos proparoxítonos, até agora, é que haja a síncope de apenas um dos elementos da sílaba postônica não-final, e o elemento que resulta é ressilabificado para uma das sílabas restantes, essa variante, resultante de *cérebro*, apresenta síncope completa da postônica não-final. A primeira

variante possível, [ˈsɛr.bru], parece pouco provável de ser mantida, já que o apagamento da vibrante pós-vocálica, em posição de coda, é fator dominante em português, embora não seja ocorrente diante de uma oclusiva labial, como em *arbóreo*. Na segunda variante, [ˈsɛ.rbru], a sílaba final não pode ocorrer, já que os padrões silábicos do português não permitem os elementos *[rbV], respectivamente, em posição de ataque. Logo, como essas variantes, após a queda da vogal da postônica, não surgem, a variante mais frequente é [ˈsɛ.bru], formada por sílabas que apresentam uma formação bem aceita. Essa variante foi usada por dois falantes de sexo distinto, sendo a mulher abaixo dos 50 anos. Ambos os falantes estudaram até a 3ª série, e mostraram muitas dificuldades nas leituras.

- ✓ Diante da lateral /l/, a sílaba postônica, após a queda da vogal, pode juntar-se à sílaba que a precede, vocalizando-se ao formar uma coda, [ˈpiw.la]; pode ser completamente apagada, mas a palavra continua sendo uma proparoxítona [ˈli.bɛ.la]; ou pode, como ocorreu em [ˈpi.lua], não ser apagada, havendo a queda da lateral formadora da sílaba final, indo a vogal flutuante formar uma glide da sílaba postônica.

04. A bilabial /p/, em posição de ataque na sílaba postônica, veio em último lugar, em relação à quantidade de ocorrências da síncope. Ou seja, das palavras analisadas que se enquadram neste contexto (*lâmpada* e *relâmpago*), só esta última sofreu a síncope, como mostra a tabela abaixo:

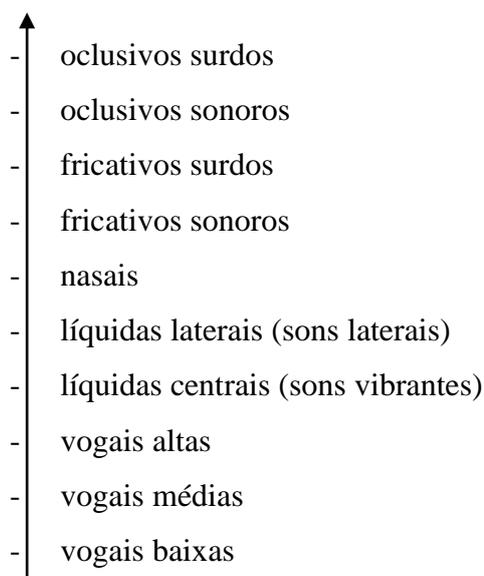
VOCÁBULOS (bilabial /p/)	VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
LÂMPADA	-----	00	02
RELÂMPAGO	[rɛ. 'lã.pi]	02	

Durante os processos fonológicos que a palavra *relâmpago* sofreu, houve o apagamento da sílaba final, o apagamento da vogal da postônica, e o surgimento de uma nova vogal na postônica. O fato de ser uma palavra polissílaba é o mais provável causador da redução da sílaba final, o que vai ser mostrado mais adiante. Então, esta análise restringir-se-á às demais sílabas. Havendo a síncope da vogal da postônica, a variante será [rɛ. 'lã.p]. Ora, não se permite uma consoante isolada na formação de uma sílaba; logo, ela deve procurar a sílaba adjacente para dela fazer parte, formando a sua coda: [rɛ. 'lãp]. Porém, não é comum uma coda, na Língua Portuguesa, terminada por uma oclusiva, e isso leva o falante a acrescentar uma vogal a ela, formando, assim, uma nova sílaba: [rɛ. 'lã.pi]. Essa variante foi utilizada por apenas um homem, que tem mais de 50 anos e cuja escolaridade é a 3ª série, com grandes dificuldades em leitura de palavras as mais simples.

As análises efetuadas revelam que é no contexto das velares onde mais ocorre a síncope, seguido das labiodentais, palatais, líquidas e bilabiais. Resultados idênticos encontraram Amaral (1999), Silva (2006) e Lima (2008).

3.2 Contexto fonológico seguinte

Para VENNEMANN (1988), as seqüências sonoras de um determinado sistema lingüístico seguem a Força Universal de Consoante, que leva os segmentos sonoros a um ordenamento, de acordo com seu grau de soância e de abertura, conforme se vê abaixo:



De acordo com essa teoria, quanto mais alta for a escala de Força Consonantal, maior será a resistência a assimilações, a mudanças e a quedas. Amaral (1999) comprova isso, ao constatar que a síncope de segmentos antes das líquidas *r* e *l*, que possuem menor força consonantal, é bem mais comum que diante de outras consoantes, isto é, esses segmentos se mostram mais suscetíveis a quedas. Assim, analisar-se-ão as postônicas não-finais, a fim de se verificar se a ocorrência da síncope nas palavras em estudo foi influenciada pela consoante da sílaba final. As consoantes analisadas serão:

- a) Líquida lateral /l/
- b) Líquida vibrante /r/
- c) Não-líquidas (oclusivas, fricativas e nasais)

01. Amaral (1999) e Lima (2008), em suas pesquisas, comprovaram que a vibrante /r/ foi a que mais provocou o apagamento na sílaba postônica não-final, concluindo disso que esse segmento forma um melhor ataque complexo, uma sílaba CCV, seguida pela lateral /l/ e pelas não-líquidas, enquanto os resultados de Silva (2006) mostraram que foi a líquida lateral a mais propícia ao apagamento na postônica não-final, seguida pela líquida vibrante. Esta pesquisa mostrou um empate entre as líquidas /r, l/, na ocorrência da síncope na postônica. Os parágrafos seguintes explicam como se procedeu a formação de uma nova sílaba a partir da síncope desse segmento.

VOCÁBULOS (líquida vibrante /r/)	VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
ÁRVORE	[¹ a.vri]	04	45
XÍCARA	[¹ ʃi. kra]; [¹ ʃi. ka]	19	
CÂMARA	-----	--	
HELICÓPTERO	[ɛ.li. ¹ kɔ.pɛ.tu]; [ɛ.li. ¹ kɔ.pɛ.du]; [ɛ.li. ¹ kɔ.pi.di]; [ɛ.li. ¹ kɔ.pɛ.ru]; [ɛ.li. ¹ kɔ.pi.tu]; [ɛ.li. ¹ kɔ.pɛ.tru]; [ɛ.li. ¹ kɔ.pi]; [ɛ.li. ¹ kɔ.pɔ.ru]; [ɛ.li. ¹ kɔ.priw]; [ɛ.li. ¹ kɔ.pi.tru]; [ɛ.rɔ. ¹ kɔ.pi]; [a.lɛ. ¹ kɔ.piw]; [ɛ.li. ¹ kɔ.pɛ.tɛ.ru]	22	

a) Com o vocábulo *árvore*, houve a síncope da vogal da postônica não-final quatro vezes, resultando em uma mesma variante: [¹a.vri]. Percebe-se que não houve variação na sílaba tônica e, havendo o apagamento da vogal /o/, a consoante que a acompanhava se torna flutuante, [¹a. v. ri], devendo dirigir-se ou à sílaba que a antecede, ou à que a

precede. Como a sílaba antecedente é tônica, torna-se mais resistente à junção de novos segmentos, restando, assim, que a fricativa flutuante acople-se à sílaba seguinte, formando um novo ataque, aceito pelos padrões silábicos do português: /vri/. Essa variante foi utilizada por quatro dos informantes, três deles homens, e um destes possui acima de 50 anos. Os homens entrevistados, que cursaram até a 3ª série, apresentaram dificuldades grandes em leitura, e a mulher não sabia ler, apesar de também ter cursado a série citada.

b) Com *xícara*, os processos fonológicos não foram diferentes dos que houve com o vocábulo anteriormente analisado, resultando na também bem formada sílaba /kra/. Porém, houve também a ocorrência de uma outra variante, [ˈʃi. ka]. Com esta variante, não apenas houve a síncope da vogal postônica não-final, mas da sílaba completa. Ora, havendo a síncope da vogal postônica não-final, resta a variante [ˈʃi. kra], bastante comum na fala coloquial, dela resultando as outras variantes [ˈʃi. kɾĩ. a] e [ˈʃi. kɾãw]. Apesar de, como dito antes, ser uma variante bastante comum, a sílaba postônica, a CCV /kra/, apresenta um ataque complexo, formado por uma velar e uma vibrante. Entre uma sílaba CCV e uma CV, esta última é menos marcada interlinguisticamente. Então, a síncope da vibrante nessa sílaba é lógica, sobretudo em variedades populares da língua, já que seu apagamento resultaria em uma sílaba com um onset simples, ou seja, em um vocábulo formado por sílabas CV, apenas: [ˈʃi. ka].

c) Com o vocábulo *helicóptero*, houve dezessete ocorrências de síncope, resultando em doze variantes. A sílaba tônica desse vocábulo, /kɔp/, é uma sílaba CVC, com uma consoante oclusiva velar em coda. Essa consoante, em posição silábica, é periférica no léxico da língua. Por essa razão, ocorre o processo de epêntese, que consiste na inserção de segmento no interior da palavra. A epêntese da vogal permite a ressilabificação da

oclusiva velar em coda, que passa a ser onset de uma nova sílaba. A vogal epentética do português brasileiro é a anterior alta [i], que ocorre nas palavras que apresentam coda formada por oclusiva. Na variedade estudada, além da epêntese dessa vogal, pode ocorrer a harmonização vocálica, com o abaixamento e/ou posteriorização da vogal anterior, como se vê nos dados acima. Outro fenômeno observado durante a análise desse vocábulo é a redução de sílabas postônicas, envolvendo em alguns casos a formação do ataque complexo decorrente do rotacismo da oclusiva alveolar surda /t/. Alternativamente, o ataque complexo pode ser interpretado como resultante da metátese da vogal postônica medial, [ɛ].

Ver-se-ão, a seguir, os fenômenos que nestas houve.

- ✓ Deslocou-se, em todas elas, a consoante formadora da coda da tônica, que é uma CVC, para formar uma sílaba seguinte. A teoria de Vennemann (1988), sobre a Força Universal da Consoante, afirma que as oclusivas surdas são as mais resistentes a mudanças, e isso se comprova na variante [ɛ.li. 'kɔ.pɛ.tu]. Para essa formação, ocorreu a epêntese da vogal /ɛ/ após a oclusiva /p/, formando-se uma sílaba considerada ideal para o português, a /pɛ/. A síncope acontece nas duas sílabas finais do vocábulo em análise, /tɛ. ru/: sendo sincopada a vogal da postônica /tɛ/, fica flutuante a consoante /t/ que, dirigindo-se à sua sílaba precedente, formará sua coda, resultando em uma sílaba CVC /pɛt/, incomum aos padrões silábicos da Língua Portuguesa; indo para a sua sílaba seguinte, formará uma CCV, resultando na variante [ɛ.li. 'kɔ.pɛ.tru]. Uma outra hipótese é que tenha havido metátese do /ɛ/ da sílaba postônica não-final para a sílaba anterior. A sílaba final resultante, apesar de bem formada, não é tão comum quanto uma CV, considerada ideal. Então, para que esta sílaba surja, a segunda

consoante cai através da síncope, resultando, por fim, na variante [ɛ.li.'kɔ.pɛ.tu].

Em [ɛ.li.'kɔ.pi.tru], o fenômeno fonológico diferente ocorrido foi a inserção do segmento fonético /i/, normalmente inserido no final de uma sílaba cuja coda é uma oclusiva, enquanto que em [ɛ.li.'kɔ.pi.tu], além da inserção do /i/ após a oclusiva, houve a queda da vogal da postônica /ɛ/, indo a consoante juntar-se à sílaba seguinte e, após isso, houve a quebra da sequência silábica CCV /tru/, com a síncope da vibrante, resultando na CV /tu/.

- ✓ Com as variantes [ɛ.li.'kɔ.pɛ.du], [ɛ.li.'kɔ.pɛ. ru] e [ɛ.li.'kɔ.pɛ.tu], ocorreram os mesmos fenômenos citados acima, em relação às sílabas finais, com a diferença de que, em [ɛ.li.'kɔ.pɛ.ru], após formada a sílaba /pɛ/, com o deslocamento da coda da tônica, a sílaba /ɛ/, antes postônica não-final, foi sincopada por inteiro. Em [ɛ.li.'kɔ.pɛ.du], houve, como dito antes, a epêntese vocálica, formando-se mais uma sílaba. Então, surgem algumas possibilidades de ocorrência com as duas sílabas finais, /ɛ. ru/. Pode ter ocorrido a síncope da originalmente postônica não-final, /ɛ/, resultando na variante já analisada, [ɛ.li.'kɔ.pɛ.ru] e, a partir dela, a tepe /r/da sílaba final passou a ser a oclusiva /d/, por ambas compartilharem o mesmo lugar de articulação e serem vozeadas; ou pode ter havido, em [ɛ.li.'kɔ.pɛ.du] e em [ɛ.li.'kɔ.pɛ.tu], uma coalescência do /t/ e do /r/, após a metátese do /ɛ/.
- ✓ A variante [ɛ.li.'kɔ.pi.di] diferencia-se fonologicamente das demais até então apresentadas por, após conservar o segmento fonético /i/, que passou a ser o núcleo da nova postônica, apresentar uma harmonização vocálica, deixando na

mesma posição os núcleos das sílabas finais. A harmonização vocálica também é percebida em [ɛ.li.'kɔ.pɔ.ru], desta vez o núcleo da tônica influenciando o núcleo da postônica, elevando-o a mesma altura em que aquela se encontra.

- ✓ Quatro dos entrevistados utilizaram a variante [ɛ.li.'kɔ.pɛ.tɛ.ru], que passou por processos fonológicos semelhantes aos já apresentados, diferenciando-se das demais por ser a única em que não houve síncope da sílaba /tɛ/, além de apresentar uma harmonia vocálica.

Os casos descritos acima, apesar de apresentarem processos fonológicos que ocasionam alteração na estrutura fonológica das palavras, não modificam o padrão acentual proparoxítono. Abaixo, seguem os casos nos quais ocorreu a perda de segmentos e a mudança do padrão acentual, que passou a ser paroxítono.

- ✓ Em [ɛ.li.'kɔ.pi], observa-se que a síncope ocorreu nas duas sílabas finais. Porém, embora tenham sido eliminadas duas sílabas, das cinco formadoras de *helicóptero*, foneticamente não restaram três. Ocorreu o fenômeno que se mostra comum a todas as variantes desse vocábulo: o deslocamento da consoante de coda da sílaba tônica para a formação de outra sílaba, desfazendo-se a sequência CVC /kɔp/, e formando a universalmente bem aceita CV, /pi/.
- ✓ Com [ɛ.rɔ.'kɔ.pi], também houve a síncope das duas sílabas finais. Uma harmonização vocálica ocorreu, outra vez a vogal da tônica influenciando a vogal vizinha, desta vez não a postônica, mas a pretônica. Com esta, houve uma mudança da consoante /l/ para a consoante /r/, decerto por serem ambas líquidas. O rotacismo da líquida, aqui observado, é comum em variedades

do português não-padrão quando a líquida forma grupo consonantal em ataque silábico, do tipo ‘bl’, que passa a ‘br’ em [brusa] ‘blusa’.

- ✓ As variantes [ɛ.li.'kɔ.priw] e [a.ɛ.'kɔ.piw] sofreram variações bem semelhantes: o deslocamento da consoante de coda, para formar o ataque de uma sílaba seguinte; ocorre, na postônica, a formação de um ditongo e ambas se tornaram paroxítonas resultantes de síncope. O que as diferencia é a formação da postônica. Na formação da sílaba final de [ɛ.li.'kɔ.priw], uma interpretação plausível é a que segue: inserido o segmento /i/ após a oclusiva que se deslocou da tônica, tem-se [ɛ.li.'kɔ.pi.tɛ.ru], mas essa variante não é comum em nossa língua, já que a tonicidade ocorre no máximo até a antepenúltima sílaba; então, é sincopada a sílaba penúltima, restando [ɛ.li.'kɔ.pi.ru]. A seguir, ocorre uma metátese, e o /i/ é transposto para a sílaba final, passando a ser o seu núcleo e tornando o /u/, antes núcleo, uma glide, e a consoante oclusiva passa a formar um ataque complexo na sílaba final: [ɛ.li.'kɔ.priw]. Com [a.ɛ.'kɔ.piw], é sincopada a postônica /tɛ/ por inteiro, assim como a consoante formadora do ataque da sílaba final, /t/, levando a vogal flutuante a ser uma glide da sílaba postônica, formando-se [a.ɛ.'kɔ.piw]. Não há aparente motivação fonética em relação ao surgimento da vogal /a/, formadora da sílaba primeira, no lugar do /ɛ/, nessa variante.
- ✓ Todas as variantes do vocábulo *helicóptero*, ocorridas nesta pesquisa, foram utilizadas quase que indistintamente pelos informantes, com exceção de

uma das informantes, não escolarizada e com mais de 50 anos, que utilizou quatro das treze encontradas.

d) Não houve variantes para o vocábulo *câmara* porque, provavelmente, se for sincopada a vogal da postônica não-final, duas ocorrências pode haver: deslocando-se a nasal flutuante /m/ para a sílaba final, tem-se uma sílaba CCV não-aceita por nossos padrões silábicos: *['kã.mra]; deslocando-se a nasal para a tônica, ela pode desaparecer graficamente, espalhando-se sua nasalidade para a sílaba à qual se dirigiu, permanecendo uma sílaba bem formada. Porém, a variante que se formaria, *['kã.ra] não é uma forma atestada, já que dificilmente ela remontaria à sua primitiva ['kã.ma.ra].

02. As palavras no quadro abaixo mostradas, cujo contexto fonológico é formado pela líquida lateral /l/, apresentaram síncope na sílaba postônica não-final, com exceção de *túmulo* e *bússola*. Vejamos como ocorreram esses processos.

VOCÁBULOS (líquida lateral /l/)	VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
CÍRCULO	['sir.ku]; ['sir.klu];	07	45
BÚSSOLA	['bu]	01	
LIBÉLULA	['li.be.la]	02	
ÓCULOS	['ɔ.krus], ['ɔ.kru], ['ɔ.klu], ['ɔ.ku], ['ɔ.klu]	21	
PÉTALA	['pe.r.la]; ['pe.tla]	02	
PÍLULA	['pi.lua]; ['piw.la]	02	
TENTÁCULO	[tẽ. 'ta.klu]	01	
TRIÂNGULO	[tri. 'ã.gu]; [tri. 'ã.glu]	08	
TÚMULO	['tu.mu]	01	

a) Com o vocábulo *círculo*, houve duas variantes. Uma destas apresentou síncope total da sílaba final, [ˈsir.ku], e a outra apresentou síncope da vogal da postônica, [ˈsir.klu]. A queda da vogal labial /u/ favoreceu a formação de uma sílaba com um ataque complexo, mas bastante comum: /kl/.

b) Em *óculos*, as variantes que surgiram não apresentaram grandes diferenças entre si, como foi visto na análise do contexto fonológico precedente. A presença do rotacismo - fenômeno lingüístico através do qual a líquida lateral /l/ é substituída pelo tepe /r/ - foi um fator comum a quase todas as variantes, como se viu em [ˈɔ.krus], [ˈɔ.kruʃ] e em [ˈɔ.kru].

c) Com a palavra *pétala*, ocorreram duas variantes: [ˈpɛ.tla], em que houve a queda da vogal da postônica, e a consoante restante formou um ataque complexo na sílaba final; e [ˈpɛr.la], em que a ocorrência da síncope vocálica fez com que a consoante da postônica se dirigisse não para a sílaba final, como foi comumente encontrado, mas para a coda da tônica. Porém, se essa consoante permanecesse uma oclusiva, a sílaba resultante /pet/ não faria parte das aceitas pelos padrões silábicos da Língua Portuguesa, já que não é comum a ocorrência de sílabas CVC cuja coda seja uma oclusiva. Essa restrição motivou o rotacismo da oclusiva, favorecido pelo fato de os segmentos em questão [t, r], serem homorgânicos. Cada uma dessas variantes foi utilizada apenas uma vez, por falantes de sexo e faixa etária diferentes, mas com o mesmo nível de escolaridade.

d) [tẽ.ˈta.klu] foi uma variante ocorrida apenas uma vez, e utilizada por uma informante que tem acima de 50 anos, não escolarizada. Os processos fonológicos que nessa palavra ocorreram foram iguais à maioria dos outros já descritos, havendo, após a

síncope da vogal da postônica, a ressilabação da consoante flutuante para a sílaba final, formando um ataque complexo bastante comum nas palavras portuguesas: /klu/.

e) [ˈtu.mu] foi uma variante única, resultante de *túmulo*. Toda a sílaba final foi deletada, resultando nessa variante. O apagamento de toda sílaba, diferentemente do que ocorre nos casos precedentes, pode se explicar pelo fato de que a queda da vogal medial /u/ resultaria em uma sequência mal formada [ml], como em [tu. mlu], já que o ataque complexo na Língua Portuguesa é licenciado por oclusiva ou fricativa labial ocupando a primeira posição.

f) As variantes resultantes das palavras *pílula*, *libélula* e *triângulo* foram descritas na análise da variável contexto fonológico precedente.

03. Com as não-líquidas, ocorreram as seguintes variantes:

VOCÁBULOS (não-líquidas)	VARIANTES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
PLÁSTICO	[ˈpraʃ.ku]	04	14
	[ˈplaʃ.ku]	02	
GINÁSTICA	[ʒi. ˈnaʃ.ka]	03	
EXÉRCITO	[ɛ. ˈʒɛʃ.tu]	02	
	[ɛ. ˈʒɛs.tu]	01	
ÔNIBUS	[ˈõy.bus]	02	

Em todas as variantes mostradas no quadro acima, após a redução, ocorreu uma situação idêntica, com diferentes segmentos: se o elemento eliminado da postônica for uma consoante ou uma vogal, ele não formará o ataque da sílaba final. Em todas as

ocorrências de síncope de segmentos na sílaba postônica não-final, o elemento flutuante se dirigiu à sílaba tônica, formando sua coda, já que se encontra impedido pelas regras da boa formação silábica de formar o ataque da sílaba final.

a) ['plaf.ku] e ['praf.ku] apresentam fenômenos idênticos: a sílaba postônica /ti/ é sincopada por inteiro, palatalizando-se o /s/, ocorrendo também o rotacismo. Com [zi.'naf.ka], houve os mesmos processos ocorridos com a palavra *plástico*: a síncope total da postônica não-final e a palatalização do /s/.

b) As duas variantes oriundas do vocábulo *exército* foram [ɛ.'ʒɛʃ.tu] e [ɛ.'ʒɛs.tu]. Alguns fenômenos ocorreram com elas: o apagamento da líquida /r/, formadora da coda da postônica; a redução da vogal da postônica, deixando flutuante a consoante /c/ que, impedida de formar uma sílaba CCV com a final, dirigiu-se à tônica, formando sua coda, podendo ou não ser palatalizada. Essa coda só é possível porque o /r/ em posição de coda da sílaba tônica é apagado regularmente, em qualquer dialeto, diante de fricativa, favorecendo a realização da sibilante nessa posição silábica. Essas variantes, aqui analisadas, apresentaram fenômenos idênticos aos de outras palavras analisadas (*mágico, música, tóxico, página*). Daí, conclui-se que, se a postônica for constituída por uma sílaba CV, sendo a consoante uma fricativa /ʒ, ʃ, s, z/, seguida pela vogal /i/, será comum a queda dessa vogal, indo a fricativa formar a coda da sílaba tônica.

c) Da palavra *ônibus*, surgiu a variante ['õy.bus]. A consoante formadora do onset da postônica não-final cai, mas estende sua nasalidade para a vogal tônica, e a vogal, que antes era núcleo da postônica não-final, passa a fazer parte da tônica, transformando-se em uma glide. Pode-se dizer, também, que houve uma coalescência entre a nasal e a

sua vogal nuclear, resultando em um segmento vocalizado que se liga à sílaba tônica, formando a sua coda.

3.3 Estrutura da Sílaba Anterior

Bisol (2005) considera que, apesar de o conceito de sílaba não ser novo em Fonologia, ele passou a fazer parte da Fonologia Gerativa há pouco tempo. Para essa pesquisadora, existem duas teorias básicas a respeito da sílaba: a autosegmental e a métrica. Para a autosegmental, há uma relação igual entre os segmentos formadores de uma sílaba; para a teoria métrica, essa relação é bem maior entre a vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre essa vogal e a consoante do ataque. São encontradas ainda outras teorias diversas a respeito da estrutura interna de uma sílaba, concordando todas que ela tem um papel central na hierarquia fonológica.

A estrutura silábica é classificada em leve ou pesada, de acordo com os elementos que a constituem. Uma sílaba é considerada leve se sua rima for formada somente por uma vogal; se a rima for formada por uma CV ou por uma VV, a sílaba será considerada pesada. Em outras palavras, apenas uma rima ramificada tornará a sílaba pesada.

Amaral (1999), em sua análise da estrutura da sílaba anterior à sílaba em que ocorre a síncope nas proparoxítonas, valeu-se do Princípio da Saliência Fônica (Naro & Lemle, 1976), “que considera que formas mais salientes, com mais material fonético, são mais resistentes a processos de mudança do que as menos salientes, ou seja, com menos material fonético”, e seus resultados mostraram que as sílabas tônicas pesadas “tendem a ser mais preservadas do que as sílabas leves”, ou seja, a sílaba tônica de uma proparoxítona, se for pesada, ajudará a manter a estrutura da proparoxítona, evitando a sua redução.

Silva (2006) chegou aos mesmos resultados de Amaral, com as sílabas tônicas leves favorecendo a síncope da vogal da postônica. Porém, eles discordam em relação à saliência fônica: enquanto Amaral afirma que a quantidade de soância da sílaba pesada

é motivadora para a preservação do vocábulo, Silva diz que a quantidade de soância não é um elemento motivador que impede a ocorrência da síncope.

Lima (2008) comprovou, em seu trabalho, que as sílabas pesadas “preservam todos os constituintes em sua estrutura”, e apresentou dados que anulam o papel da saliência fônica na preservação dos vocábulos proparoxítonos.

Diferentemente dos trabalhos citados acima, os resultados encontrados neste revelaram-se idênticos em relação ao peso silábico. Verificaram-se 138 ocorrências de síncope na postônica não-final, havendo ocorrências iguais, aparentemente: 69 em vocábulos cuja tônica é leve e 69 em vocábulos cuja tônica é pesada, como se vê nas tabelas abaixo. Deste modo, parece que a quantidade de material fonético, defendida pelo Princípio da Saliência Fônica, não se mostrou decisiva para a ocorrência da síncope, não se podendo precisar se a estrutura da sílaba tônica exerceu influência para a redução na postônica não-final.

VOCÁBULOS (sílabas leves)	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
BÚSSOLA	01	69
CÉREBRO	02	
FOTÓGRAFO	03	
LIBÉLULA	02	
LÁGRIMA	01	
MÁGICO	03	
MÚSICA	02	
ÓCULOS	21	
ÔNIBUS	03	
PÉTALA	02	
PÁGINA	03	
PÍLULA	02	
TENTÁCULO	01	
TERMÔMETRO	03	
TÓXICO	01	
XÍCARA	19	

VOCÁBULOS (sílabas pesadas)	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
ÁRVORE	04	69
CÍRCULO	05	
EXÉRCITO	03	
FÓSFORO	08	
GINÁSTICA	03	
HELICÓPTERO	22	
MÚSCULO	07	
PLÁSTICO	06	
RELÂMPAGO	01	
TRIÂNGULO	10	

3.4 Traço de articulação da vogal da sílaba postônica

Amaral (1999) e Silva (2006) seguem as regras estabelecidas para as vogais por Clements & Hume, em relação aos traços de constrição, e as classificam em labial, coronal e dorsal. Assim, /a/ é uma dorsal; /e/, /i/, coronais; /o/, /u/, tanto labiais quanto dorsais. Analisar-se-ão, a seguir, os vocábulos em estudo, para constatar se vogais da sílaba postônica são as mais afeitas ao apagamento e, para isso, verificar-se-ão os traços citados, em relação à articulação vocálica.

De acordo com Clements & Hume (1995), que estabelecem para as vogais os mesmos traços de constrição das consoantes (labial, dorsal e coronal), foram relacionados os pontos de articulação das vogais aos traços das consoantes, e percebeu-se que as vogais da sílaba sincopada que mais favoreceram o processo da síncope foram as abaixo descritas.

a) A labial /u/ sofreu o total de 38 apagamentos, e a /o/, 12. Em relação ao contexto fonológico precedente, observou-se que:

- ✓ Com as velares, houve 36 ocorrências da síncope da vogal /u/, como em [tri.'ã.glu] e ['ɔ.kluʃ], e nenhuma ocorrência de síncope da vogal /o/ precedida por uma velar (para a palavra *âncora*, não houve variante). A queda da vogal favoreceu a formação de ataques complexos bem formados, como /gl/, /kl/ e /cr/.
- ✓ Com as labiodentais, não houve ocorrência de síncope da labial /u/, mas houve 12 reduções da labial /o/, formando-se ataques complexos comuns: ['fɔs.fru], ['a.vri]
- ✓ Com a líquida lateral /l/, houve 02 reduções, com a labial /u/: ['piw.la].

b) A coronal /i/ sofreu 15 apagamentos.

- ✓ Com as velares, labiodentais, líquida lateral e bilabial não houve ocorrências.
- ✓ Com as palatais, houve 10 ocorrências de síncope, todas com a coronal /i/: ['maz.ku], ['muʃ.ka].

c) A dorsal /a/ sofreu 11 apagamentos, dez deles quando precedida por uma velar, ['ʃi.kra], havendo o outro apagamento quando a dorsal estava precedida por uma bilabial, [re.'lã.pi].

Amaral (1999) constatou, em sua pesquisa, que as labiais são as mais propensas à redução, seguidas pelas dorsais. As coronais se mostraram mais resistentes à síncope.

Silva (2006) chegou à conclusão de que as coronais são as mais favorecedoras da síncope, seguidas pelas dorsais. As labiais surgem como as menos favorecedoras a esse processo. Lima (2008) comprovou que as labiais são as mais propensas à síncope, ficando as dorsais e as coronais bem próximas ao ponto neutro. Neste trabalho, os resultados mostram que favorecem o processo da síncope, respectivamente, labiais, coronais e dorsais.

3.5 Variável faixa etária

As literaturas que falam sobre a influência da idade na conservação da estrutura primária de vocábulos em uma determinada língua são, em quase toda sua completude, unânimes em afirmar que os falantes mais velhos são os mais resistentes a mudanças na estrutura das palavras, cabendo aos mais jovens um maior uso das formas variantes.

Em Silva (2006), a variável faixa etária veio em segundo lugar, em relação aos fatores sociais mais relevantes. Ele dividiu seus informantes em três níveis de idade (15 a 25, 16 a 50 e acima de 50), concluindo que os falantes mais velhos (acima de 50 anos) apresentaram um índice maior no uso de formas sincopadas, seguidos de perto pelos informantes que tinham entre 16 e 50 anos. Esse resultado veio de encontro a sua hipótese inicial, que era a de que os mais jovens são os que mais se correlacionam com as formas reduzidas.

Amaral (1999) dividiu seus informantes em dois grupos, de 20 a 50 anos e acima de 50 anos. Partindo da hipótese de que a idade era um dos fatores mais relevantes para a ocorrência da síncope, a pesquisadora não encontrou o esperado no resultado de sua análise, já que os mais jovens utilizaram as formas sincopadas quase tanto quanto os mais velhos. Por julgar muito amplas as faixas etárias em que foram separados os informantes, Amaral dividiu as idades dos informantes em quatro faixas etárias: 24 a 39 anos, 40 a 50 anos, 51 a 59 anos, e mais de 59 anos, e os resultados mostraram que os mais velhos (acima de 59 anos) foram os que mais sincopavam as proparoxítonas, seguidos bem de perto pelos falantes que tinham entre 24 e 39 anos.

Lima (2008) não apresentou essa variável como significativa, em sua pesquisa, já que os resultados obtidos ficaram muito próximos ao ponto neutro.

Neste trabalho, que também compartilhou boa parte dos textos científicos que serviram de base para as pesquisas citadas acima, também se esperava que fosse entre os mais velhos o índice maior de redução na sílaba postônica. Porém, assim como em Amaral (1999) e em Silva (2006), não foram esses os resultados obtidos.

RESULTADO FINAL DA OCORRÊNCIA DA SÍNCOPE – VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA		
SEXO	IDADE (20 a 50 anos)	IDADE (acima de 50 anos)
MASCULINO	52	42
FEMININO	35	23

Conforme Amaral (1999),

Quando uma variante predomina entre os mais jovens e ocorre pouco entre os mais velhos pode ser um sinal de mudança em andamento, o que significa que uma variante está se impondo em detrimento de outra.

Porém, como mostra a tabela acima, os informantes que possuem entre 20 e 50 anos se mostraram mais propensos à utilização da síncope. Os demais, com idade acima de 50 anos, apesar de virem em segundo lugar, não se mostraram tão distantes dos falantes mais jovens, no tocante ao uso das formas reduzidas das proparoxítonas. Isso pode levar à conclusão que a idade das pessoas não é, ou não tem sido, fator imprescindível para que haja a presença da síncope em proparoxítonas.

3.6 Variável escolaridade

Segundo Silva (2006),

(...) quanto maior for o ano de escolarização maior será o conhecimento do falante em relação à língua por ele utilizada, sem falar que esse fator tem sido apontado, através de diversos estudos de

língua falada, como tendo uma forte influência na escolha de uma variante em detrimento de outra.

De acordo com essa afirmação, acredita-se que quanto mais escolarizada é uma pessoa, mais apegada às formas padrão ela é, ou seja, não é comum a utilização, da parte delas, das variantes que não são consideradas “de prestígio”. Em sua pesquisa, Silva (2006) separou os informantes em três grupos: de pouco escolarizado a 2 anos de escolarização; de 6 a 8 anos de estudo e de 9 anos em diante. Então, constatou que, dos seus informantes, os que mais utilizaram as formas sincopadas eram os que possuíam menor escolaridade, chegando a equivaler-se os dois últimos grupos de informantes, aparecendo essa variável como a segunda mais relevante, em sua pesquisa.

Por outro lado, Amaral (1999) argumenta que, nas zonas rurais, aqueles que são expostos à língua padrão e aprendem a usá-la (grifo nosso), continuam a usar as formas sincopadas. E ainda que existem outros que utilizam as formas padrão para se comunicar com pessoas que são mais escolarizadas que eles, porém utilizam as formas reduzidas como forma de identificação com o seu grupo. Partindo da mesma hipótese da qual partiu Silva (2006), de que os mais escolarizados utilizam menos as formas reduzidas, dividiu seus informantes em dois grupos: os que tinham mais de quatro anos de escolarização, e os que tinham menos de quatro anos ou nenhuma escolarização. Os resultados foram os previstos: a síncope foi bem mais presente nos que possuíam menor escolaridade, sendo esta a variável social mais relevante, em sua pesquisa.

Lima (2008) comprovou que, entre os fatores extralinguísticos, “o grau de escolaridade não só contribui como se destaca entre os outros fatores, evidenciando, portanto, que o grau de escolaridade exerce um papel importante na preservação da norma padrão”, apontando em seu trabalho que as pessoas que tinham menor grau de escolaridade foram as que mais se mostraram propensas ao apagamento.

Esta pesquisa chegou a resultados diferentes dos encontrados nos trabalhos acima citados. Os informantes foram selecionados, em relação a esta variável, entre aqueles que possuíam até a 4ª série do Ensino Fundamental. Feitas as análises, chegou-se aos seguintes resultados: entre aqueles que estudaram até a 2ª série, houve 23 síncopes; entre os que estudaram até a 3ª, 47 síncopes; entre os que estudaram até a 4ª, 59

síncope; e mais 10 reduções foram utilizadas pela única informante não-escolarizada. De imediato, pode-se pensar que uma maior quantidade de anos de escolarização, neste trabalho, foi o fator predominante para a ocorrência da síncope. Porém, essa conclusão não apresenta grande relevância, já que, dos 12 entrevistados, 05 deles estudaram até a 4ª série, havendo uma maior quantidade de informantes com essa escolaridade. Logo, não se pôde concluir, como mostraram as pesquisas citadas acima, se a variável escolaridade é um fator relevante para que haja formas sincopadas.

3.7 Variável sexo

De acordo com Athayde (2009), vários pesquisadores, que procuram associar o sexo de um indivíduo às suas habilidades, defendem a teoria de que o hemisfério esquerdo cerebral era responsável pelas habilidades da linguagem, e que o hemisfério direito era responsável pelas capacidades não-verbais e espaciais só se comprovou em homens destros; não se aplicando em homens canhotos e em muitas mulheres, por estes apresentarem uma representação bilateral para ambas as funções. Silva (2006) levanta questões a respeito de diferenças lingüísticas entre os sexos, quanto a estas serem de ordem biológica ou sociocultural, afirmando que as de ordem biológica estão relacionadas ao sexo, e as socioculturais, ao gênero. Para diferenciar sexo de gênero, ele se baseia em um sociólogo britânico, que define sexo como sendo as diferenças anatômicas entre homem e mulher, e gênero como sendo as diferenças psicológicas, sociais e culturais entre macho e fêmea. Contudo, sem levar em consideração essas diferenças, na perspectiva de construção social tanto o sexo quanto o gênero são vistos como desenvolvimento de *status* social.

Labov (2008), desde suas reflexões iniciais para constituição do aparato teórico da Sociolinguística, forneceu importantes descobertas a respeito do papel do homem e da mulher quanto às mudanças lingüísticas:

Na medida em que os pais influenciam a língua inicial das crianças, as mulheres influenciam mais ainda; as mulheres certamente conversam mais do que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras lingüísticas com maior rapidez e eficiência. Parece provável que o

ritmo do progresso e a direção da mudança lingüística devem muito à especial sensibilidade das mulheres a todo o processo.

Porém, logo em seguida a essa informação, vem a afirmação de que seria “um grave erro formular o princípio geral de que as mulheres sempre lideram o curso da mudança lingüística”. Então, como verificar essa aparente incógnita, já que, muitas vezes, não existem empecilhos na comunicação entre homens e mulheres? De acordo com as teorias labovianas, a diferenciação sexual entre falantes é uma postura tomada por estes, postura essa que é considerada, ou não, mais apropriada para cada sexo.

Seguindo Labov, Amaral (1999) tece as seguintes conclusões para o seu trabalho, acerca da influência da variável sexo:

Enfatiza-se o comportamento das mulheres, dizendo que elas são mais expressivas do que os homens numa tentativa de firmar sua posição diante da supremacia masculina em situações políticas e econômicas. Na visão popular, as mulheres falam melhor ou mais corretamente do que os homens. Em comunidades desfavorecidas, a sensibilidade a padrões externos de correção está associada à mobilidade social ascendente. Em comunidades negras, estudantes femininas mostram maior sucesso do que os homens na escola e maior capacidade para conseguir emprego.

Os homens - acrescenta Amaral -, precisam mostrar para a sociedade a imagem de “durões”, e ser ‘macho’ muitas vezes está relacionado ao uso de formas lingüísticas menos prestigiadas. Contudo, muitas pesquisas têm mostrado que, apesar de continuar, em relação às mulheres, em um número menor de “conservadores” das formas primitivas das palavras, os homens têm avançado de forma significativa quanto às mudanças lingüísticas.

Em seu trabalho, essa pesquisadora chegou a resultados que mostram os homens como sendo os que mais utilizam a síncope, resultados esses já esperados por ela. Silva (2006) chegou aos mesmos resultados, porque também partiu da hipótese que as mulheres “teriam o maior índice de aplicação das formas não-sincopadas”, ou seja, são “detentoras da forma-padrão”. Lima (2008) apresenta essa variável como sendo a menos relevante para a sua pesquisa, comprovando também que é no sexo masculino a maior ocorrência da síncope.

Nesta coleta, feita em elocução livre, analisaram-se as proparoxítonas que sofreram as reduções silábicas, ou seja, aquelas em que a síncope ocorreu, e obtiveram-se os resultados mostrados na tabela abaixo. Das 51 palavras proparoxítonas analisadas, percebeu-se que a síncope não ocorreu em todas elas, e até mesmo nos vocábulos em que isso aconteceu, essa ocorrência variou de acordo com o tipo de coleta efetuada. Será mostrado, a partir da tabela abaixo, como a variável sexo influenciou nessas mudanças fonológicas. De acordo com os dados aqui obtidos, a ocorrência da síncope na fala dos entrevistados do sexo masculino ocorreu, em ordem decrescente, nos vocábulos *helicóptero*, *xícara*, *plástico*, *óculos*, *fósforo*, *árvore*, *músculo*, *triângulo*, *termômetro*, *exército*, *fotógrafo*, *círculo*, *página*, *ginástica*, *ônibus*, *lágrima*, *relâmpago*, *música*, *cérebro*, *pétala*, *túmulo*. O quadro abaixo mostra uma visão geral dessa ocorrência.

RESULTADO FINAL DA OCORRÊNCIA DA SÍNCOPE – VARIÁVEL SEXO		
TIPOS DE COLETA	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO
AMOSTRAGEM DE FIGURAS	26	15
QUESTIONÁRIO ORAL	38	26
LEITURA DE PALAVRAS	13	09
LEITURA DE TEXTO VERBAL	16	08

Não importando qual foi o tipo de coleta, identificou-se que os homens, como as literaturas que para esta pesquisa serviram de base afirmam, se mostram bem mais propensos a sincopar as proparoxítonas do que as mulheres. Amaral (1999) e Silva (2006) chegaram a conclusões idênticas.

O tipo de coleta denominado “questionário oral” foi o mais relevante para esta variável em estudo. Dos seis homens entrevistados, houve 38 ocorrências de síncope na sílaba postônica não-final (tanto de vogal, quanto de consoante ou de toda a sílaba). Em relação às mulheres, para esse mesmo tipo de coleta, houve 26 ocorrências da síncope. Em seguida, em ordem decrescente, vieram a amostragem de figuras, a leitura de texto verbal e a leitura de palavras. Provavelmente, por se acharem mais à vontade durante o questionário oral, que os levava a responder com a maior naturalidade possível, os informantes falaram como costumam, ou seja, simplificando, sempre que possível, as palavras que utilizavam para responder as indagações. Supõe-se que o tipo de coleta

“amostragem de figuras” ficou em segundo lugar, em relação à síncope, porque as imagens os distraíam, levando-os a “desarmar-se” da autocorreção. Na leitura do texto verbal, que veio em terceiro lugar, os leitores se viam em meio a outras palavras, que eram em número bem maior do que as proparoxítonas nele contidas, e não ficavam muito atentos em pronunciar todos os sons nelas encontrados. Por fim, acredita-se que o tipo de coleta “leitura de palavras” veio em último lugar porque, como eram palavras isoladas, os falantes dedicaram mais atenção à sua leitura, resultando, desse modo, em um número bem menor de ocorrência da síncope. A diferença mínima em número de ocorrências, encontrada entre os homens e mulheres entrevistados, pode servir como constatação para o fato de ter sido dada uma maior atenção a esse tipo de pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fenômeno lingüístico comum, desde a época latina, a síncope na sílaba postônica não-final de proparoxítonas estende-se até hoje. Após as análises qualitativas dos dados, esta pesquisa chegou às seguintes conclusões gerais:

1. As reduções que ocorrem em proparoxítonas não surgem de um modo aleatório, e sim sistemático, e não somente em vogais das postônicas, mas muitas vezes em suas consoantes. Com a síncope, os elementos resultantes se juntam, formando novas sílabas, de acordo com os padrões fonotáticos da língua.
2. A sequência de sonoridade é um fator determinante na formação de novas sílabas, resultantes da síncope, devido à relação que há entre a sonoridade de um segmento com sua posição dentro da sílaba.
3. Os fatores extralingüísticos e lingüísticos cooperam diretamente para que haja reduções na sílaba postônica de proparoxítonas, transformando-as, ou não, em paroxítonas.

Dos fatores extralingüísticos, obtiveram-se os seguintes resultados:

- a) *Faixa etária* - Os informantes com idade entre 20 e 50 anos se mostraram mais propensos a sincopar as proparoxítonas. Porém, os demais informantes, com idade acima dos 50 anos, apresentaram resultados bem próximos aos dos mais jovens, podendo-se concluir que o esse fator não é, ou não tem sido, indispensável para que ocorra a redução.
- b) *Escolaridade* – Os resultados aqui obtidos mostram que o maior índice de ocorrência da síncope na postônica não-final de proparoxítonas ocorreu entre aqueles que possuíam um nível maior de escolaridade, hipótese defendida pelas literaturas que abordam esse fenômeno. Porém, como 05 dos 12 informantes estudaram até a 4ª série (5º ano do Ensino Fundamental), não se pôde comprovar que um nível maior de escolarização foi fator predominante para que houvesse a ocorrência da síncope.

c) *Sexo* – Foi entre os homens que houve a maior ocorrência da síncope. Nos 04 tipos de coleta realizados, o “questionário oral” foi o mais relevante para esta variável - decerto porque os entrevistados se sentiam mais à vontade, já que essa coleta se assemelha a uma conversa espontânea -, seguido pelos demais tipos, amostragem de figuras, leitura de texto verbal e leitura de palavras.

Quanto aos fatores linguísticos, concluiu-se que:

a) Foi o *contexto fonológico antecedente* o que mais se destacou, quanto à ocorrência da síncope. Nele, as oclusivas são as mais favorecedoras para a formação de uma nova sílaba, desde que formem ataques complexos com as líquidas lateral e vibrante. Diferentemente delas, as fricativas, presentes no contexto fonológico antecedente, se mostraram propensas a formar a coda da sílaba tônica. As labiodentais dessa variável ora formaram ataques complexos da sílaba final, ora formaram a coda da sílaba tônica. Com as líquidas e as bilabiais formando o contexto fonológico antecedente não houve fenômenos significativos para esta pesquisa.

b) Na variável *contexto fonológico seguinte*, em que se analisaram as líquidas e não-líquidas, o número de ocorrência da redução foi destaque entre as líquidas, resultando, após esse fenômeno, tanto em palavras que mantiveram seu padrão acentual proparoxítono como em palavras que passaram a apresentar padrão acentual paroxítono. Com as não-líquidas, observou-se que, após a redução na postônica, o elemento resultante em todas as variantes passou a formar a coda da tônica, já que se encontrava impedido, pelas regras de boa formação silábica, de formar o ataque da sílaba final.

c) Em relação à *estrutura da sílaba anterior*, em que se analisou a influência do peso silábico na ocorrência da síncope, houve um igual número de ocorrências da síncope, tanto em sílabas leves como em sílabas pesadas. Esse resultado não forneceu dados suficientes para que se afirmasse que a quantidade de material fonético encontrado na sílaba tônica é decisiva para que haja síncope.

d) Quanto ao *traço de articulação da vogal da sílaba postônica*, constatou-se que as vogais labiais são as mais propensas à ocorrência da síncope, com as vogais dorsais e as

vogais coronais apresentando uma quantidade de ocorrência da síncope bem próxima entre si.

Este estudo, realizado com 12 informantes - número reduzido, mas bastante significativo para uma pesquisa de cunho qualitativo -, visa a conclusões mais aprimoradas acerca dos vocábulos proparoxítonos ou, mais especificamente, à ocorrência destes, e de suas variantes, na fala espontânea de pessoas com baixa escolaridade. Os resultados aqui mostrados não esgotam as pesquisas acerca dos fenômenos lingüísticos analisados, mas podem servir como estímulo para que haja outras análises desses vocábulos, cujo padrão acentual é minoria em nossa língua, a fim de que esta seja, cada vez mais, melhor compreendida.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de.; PEREIRA, Vera Wannmacher. (Org.) **Pesquisa em Letras**. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2007.
- AMARAL, M. P. do. (1999). **As proparoxítonas: teoria e variação**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS.
- AQUINO, M. de F. de S. **A Ditongação na Comunidade de João Pessoa: uma análise variaciAsonista**. (1998). Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes de. (Org.). **O acento em Português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ARAÚJO, G. & OLIVEIRA, L. **Um estudo experimental sobre as proparoxítonas do português**. São Paulo: Universidade de São Paulo/ New Haven: Yale University.
- ATHAYDE, Márcia de Lima, at ali. **O papel das variáveis extralinguísticas idade e sexo no desenvolvimento da coda silábica**. Revista Scielo, vol.14, n. 3: São Paulo, 2009. ISSN 1516-8034.
- BESERRA, Ana Clarissa Santos. In **Estudos Sociolinguísticos: Perfil de uma Comunidade**. HORA, Dermeval da. (Org.). João Pessoa: 2004.
- BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3º ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- CÂMARA JR, J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. **Problemas de lingüística descritiva**. 9.ed. Petrópolis : Vozes, 1978.
- _____. **Dicionário de lingüística e gramática**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- _____. **Estrutura da língua portuguesa**. 41ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound of Pattern in English**. New York: Harper e Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N.; HUME< E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A.(ed) **The handbook of phonological theory**. Cambridge, Mass., Basil Blackwell, 1995.

COSTA, Luciene Trennephol da (2006). **Estudo do rotacismo**: variação entre as consoantes líquidas. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, UFRS.

COUTINHO, I.L. **Gramática Histórica**. 7ª Ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARIA, Ernesto. **Fonética histórica do latim**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1988.

HAYES, B. **Metrical phonology**. Oxford: Blackwell, 1995.

HORA, Dermeval. **Estudos Sociolingüísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa, 2004.

KENSTOWITCZ, M. **Phonology in generative Grammar**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington D. C. Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. **Padrões Sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LASS, R. **Phonology**. Cambridge University Press. 1976.

LEE, Seung-Hwa. **A regra do acento do português**: outra alternativa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.29, p.37-42, dez. 1994.

_____. **Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1995.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. **On stress and linguistic rhythm**. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v. 08, n. 02, p. 249-336, 1977.

LIMA, Giselly de Oliveira. **O Efeito da Síncope nas Proparoxítonas**: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano. (2008). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, MG.

MARTINS, Iara F. de Melo. **Apagamento da Oclusiva Dental /d/ no grupo –ndo na fala de João Pessoa**. (2001) Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa.

MATEUS, M. Helena M. **Aspectos da Fonologia do Português**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1975.

_____. et ali. **Gramática da língua portuguesa**. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Almedina, 1983.

_____. Resenha de **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. BISOL, LEDA (org.) (1999) 2ª Edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS.

MILROY, Lesley.; GORDON, Matthew. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford, England.

NUNES, José J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa** (fonética e morfologia). 7ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1969.

OLIVEIRA, *apud* SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. In **O Acento em Português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 12.

PEREIRA, Maria Isabel. In **O acento em Português: abordagens fonológicas**. Cap. 04. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. In **O Acento em Português: abordagens fonológicas**. Cap. 01. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, Fabiana S. **O Processo de Monotongação Em João Pessoa**. (1997) Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 6º ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, André Pedro da. (2006). **Supressão da Vogal Pós-tônica não-final: Uma tendência das Proparoxítonas na Língua Portuguesa com Evidências no Falar Sapeense**. Dissertação de Mestrado. Paraíba: UFPB.

SILVA NETO, *apud* QUEDNAU, Laura Rosane. In **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SOUZA, Antonio Carlos Santana de. **A influência das variáveis sociais numa pesquisa sociolinguística em comunidades negras rurais**. Artigo

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

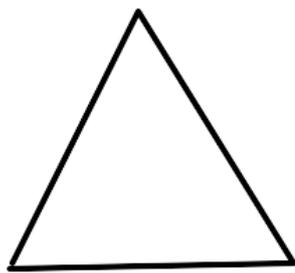
TRUDGILL, *apud* LABOV. In **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

VENNEMANN, Theo. **Preference laws for syllable structure and the explanation of sound change**. Berlin, Mouton de Gruyter, 1988.

[http://pt.wiktionary.org/w/index.php?title=Categoria:Proparox%C3%ADtona_\(Portugu%C3%AAs\)&from=ves%C3%ADcula](http://pt.wiktionary.org/w/index.php?title=Categoria:Proparox%C3%ADtona_(Portugu%C3%AAs)&from=ves%C3%ADcula) Acesso em: 10 de agosto de 2009.

ANEXOS

ANEXO 01 - FIGURAS**ÓCULOS****ÁRVORE****LÁGRIMA****MÁGICO****LÂMPADA****PÁSSARO**



CÁGADO

TRIÂNGULO



MÁQUINA



FÓSFORO



XÍCARA

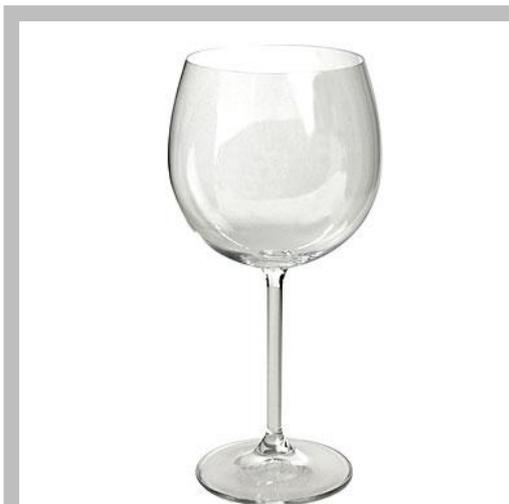


ÔNIBUS



HELICÓPTERO

RELÂMPAGO



CÁLICE



MÉDICO



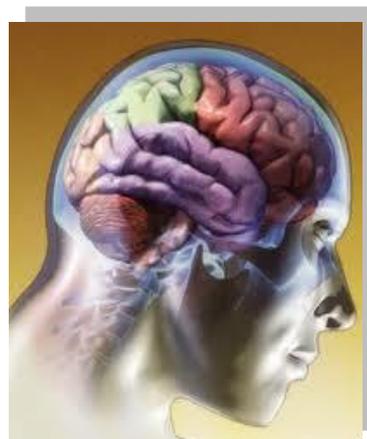
TERMÔMETRO



PLÁSTICO



ÂNCORA



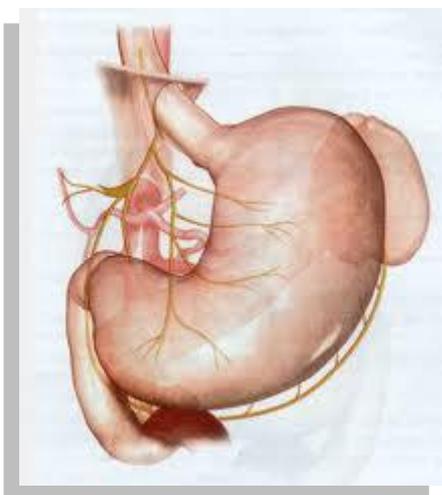
CÉREBRO



ESPÁTULA



LÂMINA



ESTÔMAGO



MÚSCULO

ANEXO 02 – ENTREVISTA

1. O que é que tem na floresta que nos dá boa sombra e frutos? (árvore)
2. De onde vieram os negros? (África)
3. Os americanos vivem na... (América)
4. Qual é o nome de uma peça pesada que jogamos no mar para parar o barco? (âncora)
5. O que é que se faz com o bagaço da cana-de-açúcar? (álcool)
6. O que os pescadores usam para se guiar no mar? (bússola)
7. Que animal é parecido com o jabuti e a tartaruga? (cágado)
8. Qual é a principal parte de dentro de nossa cabeça? (cérebro)
9. Qual é o formato de uma bola? (redonda)
10. O que usamos para cortar bolo? (espátula)
11. Que órgão do nosso corpo faz a digestão? (estômago)
12. Onde ficam os soldados? (Exército)
13. Qual é o profissional que tira fotos? (fotógrafo)
14. O ginasta faz... (ginástica)
15. Qual é o meio de transporte que tem hélice? (helicóptero)
16. O que o helicóptero tem por cima dele? (hélice)
17. Qual é o outro nome do ziguezague? (libélula)
18. O que sai de nossos olhos quando choramos? (lágrima)
19. Que parte do barbeador corta os pêlos? (lâmina)
20. O que usamos à noite para enxergar melhor? (óculos)
21. Quando o gelo se derrete, ele fica de que forma? (líquido)
22. Qual é o profissional que conserta carros? (mecânico)
23. Quando fazemos musculação, trabalhamos o... (músculo)
24. O que a gente escuta no rádio? (música)
25. O que é conhecida popularmente como bumbum? (nádega)
26. O que usamos para contar? (número)
27. A garrafa pet é feita de ... (plástico)

28. Um livro tem muitas ... numeradas. (páginas)
29. O beija-flor é um ... (pássaro)
30. Fazemos bem-me-quer, mal-me-quer tirando as ... de uma flor. (pétalas)
31. Qual é o outro nome dado ao comprimido? (pílula)
32. Quando chove, o que é que sempre acompanha o trovão? (relâmpago)
33. O polvo possui muitos ... (tentáculos)
34. Qual é a forma de uma pirâmide? (triângulo)
35. No cemitério, onde é colocado o caixão? (túmulo)
36. Para pegarmos a água, abrimos a ... da torneira. (válvula)
37. Quando estamos enjoados, sentimos ânsia de... (vômito)
38. Qual objeto utilizamos para servir chá ou café? (xícara)
39. Qual objeto é usado por nós para melhorar a visão? (óculos)
40. Qual é o transporte coletivo que leva mais de 30 passageiros? (ônibus)

ANEXO 03 – TEXTO VERBAL

Quando o helicóptero pousou naquela ilha, os integrantes do Exército desceram rapidamente e correram para as árvores, todos com uma bússola na mão. As hélices da máquina voltaram a funcionar, e ela partiu dali. Apesar de estarem em número reduzido, os homens se sentiam confiantes, ao ouvir o canto dos pássaros. Formando um círculo, o capitão pôs o cérebro para funcionar, e disse que todos tinham que aquecer os músculos com alguns exercícios, embora estivessem com o estômago vazio.

Chegando a noite, vendo os relâmpagos que cruzavam os céus, os soldados desejaram estar em casa, bebendo um líquido quente em uma xícara, em vez de água suja em um copo de plástico, sem uma lâmpada que pudesse clarear a sua visão, e derramaram lágrimas de desespero, como escravos arrancados da África e levados a terras estranhas, saudosos de uma música que os fizesse lembrar seus familiares, e preferindo o túmulo à escravidão.

Um dos homens que estavam naquela ilha tinha uma câmara fotográfica, e começou a tirar fotos quando amanheceu. Os outros o chamavam de fotógrafo, mas ele não ligava. Em seu pescoço, tinha um símbolo em forma de triângulo, e dentro dele havia um desenho de um cágado. Apesar de sentirem dores no fígado e câimbras nas pernas, por causa da noite horrível que tinham passado, aqueles homens assobiavam músicas e procuravam fósforo para acender um cigarro, sem se importar que aquele tóxico pudesse matá-los.

ANEXO 04 – TABELAS DE OCORRÊNCIAS DE VARIANTES POR FALANTE

FALANTE 01 – SEXO MASCULINO – 2ª SÉRIE – 43 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[¹ a.ve.ri] ~ [¹ a.vri]
África	[¹ a.fri.ka]
álcool	-----
América	[a. ¹ mɛ.ri.ka]
âncora	-----
Bússola	-----
cérebro	[¹ sɛ.ri.bu]
cágado	[¹ ka.ga.du]
cálice	-----
câmara	-----
círculo	[¹ sir.ko.lu]
espátula	-----
estômago	[ɪʃ. ¹ tã.ma.du]
exército	[ɛ. ¹ ʒɛʃ.tu]
fígado	-----
fotógrafo	[fɔ. ¹ tɔ.ga.fi]
fósforo	[¹ fɔʃ.ku]
ginástica	-----
helicóptero	[a.lɛ. ¹ kɔ.piw]
hélice	[¹ ɛ. lis]
hipopótamo	[i.pɔ. ¹ pɔ.ta]
Libélula	-----
Lágrima	[¹ la.gri.ma]
Lâmina	[¹ lã.mi.na]
lâmpada	[¹ lã.pi.da]
líquido	[¹ li.ka.da]
mágico	[¹ ma. ʒi.ku]
máquina	[¹ ma.ki.na]
mecânico	[mɛ. ¹ kã.ni.ku]
música	-----
músculo	[¹ muʃ.ka.lu]
médico	[¹ mɛ.dʃi.ku]
nádega	[¹ na.gri.na]
número	[¹ nu.mɛ.ru]
óculos	[¹ ɔ.krus] ~ [¹ ɔ.kru]
Ônibus	[¹ õy.bus] ~ [¹ õy.bu]
pássaro	[¹ pa.sa.ru]

pétala	-----
Plástico	[ˈpɾaʃ.ku]
Página	[ˈpa.ɾi.na]
Pílula	-----
relâmpago	[ɾɛ.ˈlã.pɛ.du]
símbolo	-----
tentáculo	-----
termômetro	[mɛ.ˈtrõ.ni.mu]
tóxico	-----
Triângulo	[tri.ˈã.gu]
Túmulo	-----
Válvula	-----
Vômito	[ˈvõ.mi.tu]
Xícara	[ˈʃi. kra]

FALANTE 02 – SEXO MASCULINO – 4ª SÉRIE – 48 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈa.võ.ri] ~ [ˈa.vu.ri]
África	[ˈa.fri.ka]
álcool	[ˈaw.ku]
América	[a.ˈmɛ.ri.ka]
âncora	[ˈã.ku.ra]
Bússola	[ˈbu.su.la]
cérebro	[ˈsɛ.rɛ.bu]
cágado	[ˈka.ga.du]
cálice	[ˈka.li.si]
câmara	[ˈkã.ma.ra]
círculo	[ˈsir.ku.lu] ~ [ˈsi.ku.lu]
espátula	[ɛʃ.ˈpa.tu.la]
estômago	[ɛʃ.ˈtõ.ma.gu]
exército	[ɛ.ˈʒɛs.tu] ~ [ɛ.ˈʒɛ.si.tu]
fígado	[ˈfi.ga.du]
fotógrafo	[fõ.ˈtõ.gra.fu]
fósforo	[ˈfõʃ.ku] ~ [ˈfõʃ.fru]
ginástica	[ʒi.ˈnaʃ.ka]
helicóptero	[ɛ.lɛ.ˈkõ.pɛ.tɛ.ru] ~ [ɛ.li.ˈkõ.pɛ.tɛ.ru]
hélice	[ˈɛ. li.si]

hipopótamo	[i.pɔ.'pɔ.tã.mu]
Libélula	[li.'be.lu.la]
Lágrima	['la.gri.ma]
Lâmina	['lã.mi.na] ~ ['lã.ma.na]
lâmpada	['lã.pa.da]
líquido	['li.ki.du]
mágico	['ma.zi.ku]
máquina	['ma.ki.na]
mecânico	[mɛ.'kã.ni.ku]
música	['mu.zi.ka]
músculo	['muʃ.ku.lu] ~ ['muʃ.kluʃ]
médico	['mɛ.di.ku]
nádega	['na.gi.na] ~ ['na.di.ga]
número	['nu.mɛ.ru]
óculos	['ɔ.kruʃ] ~ ['ɔ.kluʃ] ~ ['ɔ.ku.luʃ]
Ônibus	['õ.ni.buʃ]
pássaro	['pa.sa.ru]
pétala	['pa.ti.la] ~ ['pe.ta.la]
Plástico	['praʃ.ku]
Página	['pa.ʒi.na]
Pílula	[pi.'lu.ta]
relâmpago	[rɛ.'lã.pa.gu]
símbolo	['sĩ.bɔ.lu]
tentáculo	[tẽ.'ta.ku.lu]
termômetro	[tɛ.'mõ.mɛ.tu]
tóxico	['tɔ.ʃi.ku]
Triângulo	[tri.'ã.glu] ~ [tri.'ã.gu.lu]
Túmulo	['tu.mu.lu]
Válvula	['vaw.vu.ra]
Vômito	[vɔ.'mi.tu]
Xícara	['ʃi.kra] ~ ['ʃi.ka]

FALANTE 03 – SEXO MASCULINO – 3ª SÉRIE – 31 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈa.vɔ.ri] ~ [ˈa.vi.ri] ~ [ˈa.vriʃ]
África	[ˈa.fri.ka]
álcool	-----
América	[a.ˈmɛ.ri.ka]
âncora	[ˈar.kɔ.ra]
Bússola	[ˈbu.sɛ.la]
cérebro	[sɛ.rɛ.ˈbrɔ]
cágado	[ˈka.gu.ru]
cálice	[ˈka.lis]
câmara	[kã.ˈma.ra]
círculo	[sir.ˈku.lu]
espátula	-----
estômago	[ɛs.to.ˈma.gu]
exército	[ɛ.ˈʒɛʃ.tu]
fígado	[fi.ˈga.du]
fotógrafo	[fɔ.ˈtɔ.gruʃ]
fósforo	[ˈfɔʃ.ku]
ginástica	-----
helicóptero	[ɛ.li.ˈkɔ.pi] ~ [ɛ.li.ˈkɔ.pi.tru]
hélice	[ˈɛ.lis]
hipopótamo	-----
Libélula	-----
Lágrima	[ˈla.gri.ma]
Lâmina	[ˈlã.mi.na] ~ [ˈlã.mɛ.ra]
lâmpada	[ˈlã.pa.da] ~ [ˈlã.pi.da]
líquido	[li.ˈki.dɔ]
mágico	[ˈma.ʒi.ku]
máquina	[ˈma.ki.na]
mecânico	[mɛ.ˈkã.ni.ku]
música	[ˈmuz.ka]
músculo	[muʃ.ˈku.lu]
médico	[ˈmɛ.di.ku]
nádega	[ˈna.gi.na]
número	[ˈnu.mɛ.ru]
óculos	[ˈɔ.kruʃ]
Ônibus	[ˈõ.ni.buʃ]
pássaro	[ˈpa.sa.ru]
pétala	[ˈpɛ.ku.la]

Plástico	[ˈpɾaʃ.ku] ~ [ˈpɾaʃ.kɔ]
Página	[ˈpa.ʒi.na]
Pílula	-----
relâmpago	[rɛ.ˈlã.pi.du] ~ [rɛ.ˈlã.pa.gɔ]
símbolo	[sĩ.ˈbɔ.lɔ]
tentáculo	-----
termômetro	[tɛr.ˈmɔ.tu]
tóxico	-----
Triângulo	[tri.a.ˈgu.lɔ] ~ [tri.ˈã.glu]
Túmulo	[ˈtu.mɔ.lu]
Válvula	-----
Vômito	[võ.ˈmi.tu]
Xícara	[ˈʃi.ka.ra] ~ [ˈʃi.kra]

FALANTE 04 – SEXO FEMININO – 3ª SÉRIE – 37 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈa.vɛ.rɛ] ~ [ˈa.vɛ.ri]
África	[ˈa.fri.ka] ~ [ˈa.fi.ka]
álcool	-----
América	[a.ˈmɛ.ri.ka]
âncora	-----
Bússola	[ˈbuʃ]
cérebro	[ˈsɛ.rɛ.bu] ~ [ˈsɛ.rɛ.bru]
cágado	[ˈka.gi.du] ~ [ˈka.gi.dɔ]
cálice	[ˈka.li.si]
câmara	[ˈkã.ma.ra]
círculo	[ˈsɛr.ku.lu] ~ [ˈsir.ku]
espátula	-----
estômago	[ɛʃ.ˈto.ma.gu]
exército	[ɛ.ˈʃɛ.si.tɔ]
Fígado	[ˈfi.ga.dɔ]
fotógrafo	[fɔ.ˈtɔ.gru] ~ [fɔ.ˈtɔ.gra.fu]
fósforo	[ˈfɔʃ.ku] ~ [ˈfɔ.fɔ.rɔ]
ginástica	[ʒi.ˈnaʃ.ka]
helicóptero	[ɛ.li.ˈkɔ.pi.tru]
hélice	[ˈɛ.li.sɛs]
hipopótamo	[i.pɔ.ˈpɔ.ta.mu]
Libélula	-----
Lágrima	[ˈla.gri.ma]

Lâmina	[ˈlã.mi.na]
lâmpada	[ˈla.pa.da] ~ [ˈlã.pi.da]
líquido	[li.ˈki.du]
mágico	[ˈmaʒ.ku]
máquina	[ˈma.ki.na]
mecânico	[mɛ.ˈkã.ni.ku]
música	[ˈmuʃ.ka] ~ [ˈmu.zi.ka]
músculo	[ˈmuʃ.klu] ~ [ˈmuʃ.ku.lu]
médico	[ˈmɛ.di.ku]
nádega	-----
número	[ˈnõ.mɛ.rɔ]
óculos	[ˈɔ.kluʃ]
Ônibus	[ˈõy.buʃ]
pássaro	[ˈpa.sa.ru] ~ [ˈpa.sa.rɔ]
pétala	[ˈpɛr.la]
Plástico	[ˈplaf.ku]
Página	[ˈpaʒ.na]
Pílula	-----
relâmpago	[rɛ.ˈlã.pa.gu]
símbolo	[sĩ.ˈbɔ.lɔ]
tentáculo	-----
termômetro	-----
tóxico	[ˈto.ʃi] ~ [ˈtɔ.kɔ]
Triângulo	[tri.ˈa.gu.lɔ] ~ [ti.ˈã.gu.lu]
Túmulo	[ˈtu.mu.lɔ]
Válvula	-----
Vômito	[võ.ˈma.tu]
Xícara	[ˈʃi.ka.ra] ~ [ˈʃi.kra]

FALANTE 05– SEXO FEMININO – 2ª SÉRIE – 44 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈa.vri]
África	[ˈa.fri.ka]
álcool	-----
América	-----
âncora	[ˈã.ko.ra]
Bússola	-----
cérebro	[ˈsɛ.bru]
cágado	[ˈka.ga.du]
cálice	[ˈka.li.si]
câmara	-----
círculo	[ˈsir.ku.lu]
espátula	-----
estômago	[iʃ.ˈto.ma.gu]
exército	-----
Fígado	-----
fotógrafo	[fo.ˈto.gra.fu]
fósforo	[ˈfoʃ.ku]
ginástica	[ʒi.ˈnaʃ.ka]
helicóptero	[ɛ.ro.ˈko.pi]
hélice	[ˈɛ.li]
hipopótamo	-----
Libélula	-----
Lágrima	[ˈla.gri.ma]
Lâmina	[ˈlã.mi.na]
lâmpada	[ˈlã.pa.da]
líquido	[ˈli.ki.du]
mágico	[ˈmaʒ.ku]
máquina	[ˈma.ki.na]
mecânico	[mɛ.ˈkã.ni.ku]
música	[ˈmu.zi.ka]
músculo	[ˈmuʃ.ku.lu]
médico	[ˈmɛ.di.ku]
nádega	[ˈna.di.na]
número	-----
óculos	[ˈo.kru]
Ônibus	[ˈõ.ni.buʃ]
pássaro	[ˈpa.sa.ru]
pétala	[ˈpɛ.ti.la]
Plástico	[ˈplaf.ti.ku]

Página	[ˈpa.ɣi.na]
Pílula	-----
relâmpago	[rɛ.ˈlã.pi.du]
símbolo	-----
tentáculo	-----
termômetro	[tɛr.ˈmo.mi.tru]
tóxico	-----
Triângulo	[tri.ˈã.gi.lu] ~ [tri.ˈã.gu]
Túmulo	[ˈtu.mu.lu]
Válvula	-----
Vômito	[võ.ˈmi.tu]
Xícara	[ˈʃi. kra]

FALANTE 06 – SEXO FEMININO – 4ª SÉRIE – 37 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈa.vɔ.ri]
África	[ˈa.fri.ka]
álcool	[ˈaw.ko]
América	[a.ˈmɛ.ri.ka]
âncora	[ˈã.kɔ.ra]
Bússola	[ˈpu. ʃɔ.la]
cérebro	[ˈsɛ.rɛ.bru]
cágado	[ˈka.gi.du] ~ [ˈka.ga.du]
cálice	[ˈka.li.si]
câmara	[ˈkã.ma.ra]
círculo	[ˈsir.klu] ~ [ˈsir.ku.lu]
espátula	[ɛʃ.ˈpa.tu.la]
estômago	[ɛʃ.ˈto.ma.gu] ~ [iʃ.ˈto.ma.gu]
exército	[ɛ.ˈzɛ.si.tu]
fígado	[ˈfi.ga.du]
fotógrafo	[fɔ.ˈtɔ.gra.fu]
fósforo	[ˈfɔʃ.fu.ru] ~ [ˈfɔʃ.fɔ.ru]
ginástica	[ʒi.ˈnaʃ.ti.ka]
helicóptero	[ɛ.li.ˈkɔ.pi.tru]
hélice	[ˈɛ. li.si] ~ [ˈRɛ.li.si]
hipopótamo	[i.pɔ.ˈpɔ.ta.mu]
Libélula	[li.ˈbɛ.lu.la]

Lágrima	['la.gri.ma]
Lâmina	['lã.mi.na]
lâmpada	['lã.pi.da]
líquido	['li.ki.du]
mágico	['ma.ʒi.ku]
máquina	['ma.ki.na]
mecânico	[mɛ.'kã.ni.ku]
música	['mu.ʒi.ka]
músculo	['muʃ.ku.ru] ~ ['muʃ.ku.lu]
médico	['mɛ.di.ku]
nádega	[na.'dɛ.ga] ~ ['na.gi.da] ~ ['na.gi.na]
número	['nu.mɛ.ru]
óculos	['ɔ.kluʃ] ~ ['ɔ.kuʃ]
Ônibus	['õ.ni.buʃ]
pássaro	['pa.sa.ru]
pétala	['pɛ.ru.la] ~ ['pɛ.ti.la]
Plástico	['praʃ.ti.ku] ~ ['plaʃ.ti.ku] ~ ['praʃ.ku]
Página	['pa.ʒi.na]
Pílula	['pi.ru.la]
relâmpago	[rɛ.'lã.pa.gu]
símbolo	['sĩ.bu.lu]
tentáculo	[tɛ.'ta.ku.lu]
termômetro	[tɛr.'mõ.mɛ.tru]
tóxico	['tɔ.ʃi.ku]
Triângulo	[tri.'ã.gu.lu]
Título	['tu.mu.lu]
Válvula	['va.vu.la]
Vômito	['vɔ.mi.tu] ~ ['vo.mi.tu]
Xícara	['ʃi. kra] ~ ['ʃi. ka.ra]

FALANTE 07 – SEXO MASCULINO – 4ª SÉRIE – 74 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈa.vɔ.ri]
África	[ˈa.fri.ka]
álcool	[ˈaw.ku]
América	[a.ˈmɛ.ri.ka]
âncora	[ˈã.kɔ.ra]
Bússola	[ˈbu. su.la]
cérebro	[ˈsɛ.rɛ.bru]
cágado	[ˈka.ga.du]
cálice	[ˈka.li.si]
câmara	[ˈkã.ma.ra]
círculo	[ˈsir.klu] ~ [ˈsir.ku.lu]
espátula	[ɛf.ˈpa.tu.la]
estômago	[ɛf. ˈtõ.ma.gu] ~ [iʃ.ˈtõ.ma.gu]
exército	[ɛ.ˈzɛ.si.tu]
fígado	[ˈfi.ga.du]
fotógrafo	[fɔ.ˈtɔ.gra.fu] ~ [fɔ.ˈtɔ.ga.fu]
fósforo	[ˈfɔ.fɔ.ru]
ginástica	[ʒi.ˈnaʃ.ti.ka]
helicóptero	[ɛ.li.ˈkɔ.pi] ~ [ɛ.li.ˈkɔ.priw]
hélice	[ˈɛ. li.si]
hipopótamo	[i.pɔ.ˈpɔ.ta.mu]
Libélula	[li.ˈbɛ.lu.la]
Lágrima	[ˈla.gri.ma] ~ [ˈla.gi.ma]
Lâmina	[ˈlã.mi.na]
lâmpada	[ˈlã.pa.da]
líquido	[ˈli.ki.du]
mágico	-----
máquina	[ˈma.ki.na]
mecânico	[mɛ.ˈkã.ni.ku]
música	[ˈmu.zi.ka]
músculo	[ˈmur.klu] ~ [ˈmus.ku.lu]
médico	[ˈmɛ.di.ku]
nádega	[na.ˈdi.ga] ~ [ˈnar.di.da]
número	[ˈnu.mɛ.ru]
óculos	[ˈɔ.ku.lu]
Ônibus	[ˈõ.ni.bu]
pássaro	[ˈpa.sa.ru]

pétala	[ˈpɛ.tu.la] ~ [ˈpɛ.ta.la]
Plástico	[ˈplaf.ti.ku]
Página	[ˈpa.ʒi.na] ~ [ˈpaʒ.na]
Pílula	[ˈpi.lu.la]
relâmpago	[rɛ.ˈlã.pa.gu]
símbolo	[ˈsĩ.bɔ.lu]
tentáculo	[tẽ.ˈta.ku.lu]
termômetro	[tɛr.ˈmõ]
tóxico	[ˈtɔ.ʒi.ku]
Triângulo	[tri.ˈã.gu.lu]
Túmulo	[ˈtu.mu.lu]
Válvula	[ˈva.vu.la]
Vômito	[ˈvɔ.mi.tu] ~ [ˈvo.mi.tu]
Xícara	[ˈʒi.ka.ra]

FALANTE 08 – SEXO MASCULINO – 3ª SÉRIE – 68 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈa.vɔ.ri]
África	[ˈa.fri.ka]
álcool	[ˈaw.ku]
América	[a.ˈmɛ.ri.ka]
âncora	[ˈã.kɔ.ra]
Bússola	[ˈbu.sɔ.la]
cérebro	[ˈsɛ.rɛ.bru]
cágado	[ˈka.ga.du] ~ [ˈka.ta.gu]
cálice	[ˈka.li.si]
câmara	[ˈkã.mu.ra]
círculo	[ˈsir.klu] ~ [ˈsir.ku.lu]
espátula	[iʃ.ˈpa.tu.la]
estômago	[ɛʃ.ˈtõ.ma.gu] ~ [iʃ.ˈtõ.ma.gu]
exército	[ɛ.ˈzɛ.si.tu]
fígado	[ˈfi.ga.du]
fotógrafo	[fɔ.ˈtɔ.gra.fu] ~ [fɔ.ˈtɔ.ga.fu]
fósforo	[ˈfɔʃ.fɔ.ru]
ginástica	[ʒi.ˈnaf.ti.ka]
helicóptero	[ɛ.li.ˈkɔ.pɔ.ru] ~ [ɛ.li.ˈkɔ.pe.ru]
hélice	[ˈɛ.li.si]

hipopótamo	[i.pɔ.'pɔ.ta.mu]
Libélula	[li.'be.lu.la]
Lágrima	['la.gri.ma]
Lâmina	['lã.mi.na]
lâmpada	['lã.pa.da] ~ ['lã.pi.da]
líquido	['li.ki.du]
mágico	['ma.ʒi.ku]
máquina	['ma.ki.na]
mecânico	[mɛ.'kã.ni.ku]
música	['mu.zi.ka]
músculo	['muʃ.klu] ~ ['muʃ.ku.lu]
médico	['mɛ.di.ku]
nádega	['na.dɛ.ga] ~ ['nar.di.da]
número	['nu.mɛ.ru]
óculos	['ɔ.kluʃ]
Ônibus	['õ.ni.bu] ~ ['õ.ni.buʃ]
pássaro	['pa.sa.ru]
pétala	['pɛ.tla] ~ ['pɛ.ta.laʃ]
Plástico	['plaf.ti.ku]
Página	['pa.ʒi.na]
Pílula	['pi.lu.la]
relâmpago	[rɛ.'lã.pa.gu]
símbolo	['sĩ.bu.lu]
tentáculo	[tẽ.'ta.ku.lu]
termômetro	[tɛr.'mõ.mɛ.tru]
tóxico	['tɔ.ʃi.ku]
Triângulo	[tri.'ã.gu.lu] ~ [tri.'ã.glu]
Túmulo	['tu.mu.lu]
Válvula	['va.vu.la]
Vômito	['vɔ.mi.tu]
Xícara	['ʃi.ka.ra] ~ ['ʃi.kra]

FALANTE 09 – SEXO MASCULINO – 4ª SÉRIE – 52 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈa.vri]
África	[ˈa.fri.ka]
álcool	-----
América	[a.ˈmɛ.ri.ka]
âncora	-----
Bússola	[bu.ˈsɔ.la]
cérebro	[sɛ.ˈrɛ.bu] ~ [ˈsɛ.bru]
cágado	[ˈka.ga.du]
cálice	[ˈka.li]
câmara	-----
círculo	-----
espátula	-----
estômago	[iʃ.ˈtõ.ba.gu]
exército	[ɛ.ˈzɛ.si.tu]
fígado	-----
fotógrafo	[fɔ.ˈtɔ.gra]
fósforo	[ˈfɔʃ.ku]
ginástica	-----
helicóptero	[ɛ.li.ˈkɔ.pi]
hélice	[ˈɛ.li.si] ~ [ˈɛ.li]
hipopótamo	-----
Libélula	[li.bɛ.ˈlu.la]
Lágrima	[ˈla.gri.ma] ~ [ˈla.ʒi.ma]
Lâmina	[ˈlã.mi.na]
lâmpada	[ˈlã.pi.da]
líquido	[li.ˈki.du]
mágico	-----
máquina	-----
mecânico	[mɛr.ˈkã.ni.ku]
música	[ˈmu.zi.ka] ~ [muˈsi.ka]
músculo	[ˈmus.ku.lu]
médico	[ˈmɛ.di.ku]
nádega	[ˈna.gu.ra]
número	[nu.ˈmɛ.ru]
óculos	[ˈɔ.kluʃ] ~ [ˈɔ.kruʃ] ~ [ɔ.ˈkɔ.lu]
Ônibus	[ˈõ.ni.bu] ~ [ˈõ.ni.bus]
pássaro	[ˈpa.sa.ru]
pétala	-----

Plástico	[¹ pra.ti.ku] ~ [¹ pras.ku] ~ [¹ praʃ.ku]
Página	[pa. ¹ ʒi.na] ~ [¹ paɣ.na]
Pílula	[pi. ¹ lu.la]
relâmpago	[rɛ. ¹ lã.pi.gu] ~ [rɛ. ¹ lã.pi]
símbolo	-----
tentáculo	-----
termômetro	[tɛr. ¹ nõ.tu]
tóxico	-----
Triângulo	[tri. ¹ ã.gu] ~ [tri. ¹ ã.gõ.rõ]
Túmulo	[¹ tu.mu]
Válvula	[va. ¹ vu.la]
Vômito	[võ. ¹ mi.tu]
Xícara	[¹ ʃi.ka.ra] ~ [¹ ʃi.kra]

FALANTE 10 – SEXO FEMININO – 4ª SÉRIE – 60 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[¹ ar.võ.ri]
África	[¹ a.fri.ka]
álcool	[¹ aw.ku]
América	[a. ¹ mɛ.ri.ka]
âncora	[¹ ã.kõ.ra]
Bússola	[¹ bu.su.la]
cérebro	[¹ sɛ.rɛ.bru] ~ [¹ sɛ.rɛ.bu]
cágado	[¹ ka.ga.du]
cálice	[¹ ka.li.si]
câmara	[¹ kã.ma.ra]
círculo	[¹ sir.ku.lu]
espátula	[ɛʃ. ¹ pa.tu.la]
estômago	[ɛʃ. ¹ tõ.ma.gu] ~ [iʃ. ¹ tõ.ma.gu]
exército	[ɛ. ¹ zɛ.si.tu]
fígado	[¹ fi.ga.du]
fotógrafo	[fõ. ¹ tõ.gra.fi.ku]
fósforo	[¹ fõʃ.fɛ.ru]
ginástica	[ʒi. ¹ naʃ.ti.ka]
helicóptero	[ɛ.li. ¹ kõ.pi.tu] ~ [ɛ.li. ¹ kõ.pɛ.tru] ~ [ɛ.li. ¹ kõ.pɛ.tɛ.ru]
hélice	[ɛ. ¹ li.si]

hipopótamo	[i.pɔ.pɔ.'tã.mu]
Libélula	['li.be.la]
Lágrima	['la.gri.ma]
Lâmina	['lã.mi.na]
lâmpada	['lã.pa.da] ~ ['lã.pi.da]
líquido	['li.ki.du]
mágico	['ma.ʒi.ku]
máquina	['ma.ki.na]
mecânico	[mɛ.'kã.ni.ku]
música	['mu.zi.ka]
músculo	['muʃ.klu] ~ ['muʃ.ku.lu]
médico	['mɛ.di.ku]
nádega	['na.dɛ.ga] ~ ['na.gi.da] ~ ['na.di.ga]
número	['nu.mɛ.ru]
óculos	['ɔ.kluʃ] ~ ['ɔ.ku.lu] ~ ['ɔ.ku.luʃ]
Ônibus	['õ.ni.bu] ~ ['õ.ni.buʃ]
pássaro	['pa.sa.ru]
pétala	['pɛ.tu.la]
Plástico	['plaf.ti.ku] ~ ['praf.ti.ku]
Página	['pa.ʒi.na]
Pílula	['piw.la]
relâmpago	[rɛ.'lã.pa.gu]
símbolo	['sĩ.bu.lu]
tentáculo	[tẽ.'ta.ku.lu]
termômetro	[tɛr.'nõ.mi.tru]
tóxico	['tɔ.ʃi.ku]
Triângulo	[tri.'ã.gu.lu] ~ [tri.'ã.glu]
Túmulo	['tu.mi.lu]
Válvula	['va.vu.la]
Vômito	['võ.mi.tu] ~ ['vo.mi.tu]
Xícara	['ʃi.ka.ra] ~ ['ʃi.kra]

FALANTE 11 – SEXO FEMININO – 4ª SÉRIE – 75 ANOS	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈar.vɔ.ri]
África	[ˈa.fri.ka]
álcool	[ˈaw.ko]
América	[a.ˈmɛ.ri.ka]
âncora	[ˈã.kɔ.ra]
Bússola	[ˈbu. sɔ.la]
cérebro	[ˈsɛ.rɛ.bru]
cágado	[ˈka.ga.du]
cálice	[ˈka.lis]
câmara	[ˈkã.ma.ra]
círculo	[ˈsir.ku.lu]
espátula	[es.ˈpa.tu.la]
estômago	[ɛʃ.ˈtõ.ma.gu]
exército	[ɛ.ˈzɛ.si.tu]
fígado	[ˈfi.ga.du]
fotógrafo	[fɔ.ˈtɔ.gra.fu]
fósforo	[ˈfɔs.fru]
ginástica	[ʒi.ˈnaʃ.ti.ka]
helicóptero	[ɛ.li.ˈkɔ.pi.di] ~ [ɛ.li.ˈkɔ.pɛ.ru]
hélice	[ɛ.ˈli.si] ~ [ˈɛ.li]
hipopótamo	[i.pɔ.pɔ.ˈtã.mu]
Libélula	[li.ˈbɛ.lu.la]
Lágrima	[ˈla.gri.ma]
Lâmina	[ˈlã.mi.na]
lâmpada	[ˈlã.pa.da]
líquido	[ˈli.ki.du]
mágico	[ˈma.ʒi.ku]
máquina	[ˈma.ki.na]
mecânico	[mɛ.ˈkã.ni.ku]
música	[ˈmu.zi.ka]
músculo	[ˈmus.klu] ~ [ˈmus.ku.lu]
médico	[ˈmɛ.di.ku]
nádega	[ˈna.dɛ.ga] ~ [ˈna.gi.na]
número	[ˈnu.mɛ.ru]
óculos	[ˈɔ.klu]
Ônibus	[ˈõ.ni.bus] ~ [ˈõ.ni.buʃ]
pássaro	[ˈpa.sa.ru]

pétala	[ˈpɛ.ti.la]
Plástico	[ˈplast.ti.ku]
Página	[ˈpa.ʒi.na]
Pílula	[ˈpi.lu.la]
relâmpago	[rɛ.ˈlã.pa.gu]
símbolo	[ˈsĩ.bo.lu]
tentáculo	[tẽ.ˈta.ku.lu]
termômetro	[tɛr.ˈmõ.mɛ.tru]
tóxico	[ˈtɔ.ʒi.ku]
Triângulo	[tri.ˈã.gu.lu] ~ [tri.ˈã.gu]
Túmulo	[ˈtu.mu.lu]
Válvula	[ˈva.vu.la]
Vômito	[ˈvõ.mi.tu]
Xícara	[ˈʒi.ka.ra]

FALANTE 12 – SEXO FEMININO – 82 ANOS – Não foi à escola	
PALAVRAS	TRANSCRIÇÃO
árvore	[ˈa.vɔ.ri] ~ [ˈa.vu.ri]
África	[ˈa.fri.ka]
álcool	[ˈaw.ko]
América	[a.ˈmɛ.ri.ka]
âncora	[ˈã.ku.ra]
Bússola	[ˈbu.su.la]
cérebro	[ˈsɛ.rɛ.bru] ~ [ˈsɛ.lɛ.bu]
cágado	[ˈka.ga.du]
cálice	[ˈka.li.si]
câmara	[ˈkã.ma.ra]
círculo	[ˈsir.ku.lu] ~ [ˈsir.klu]
espátula	[ɛs.ˈpa.tu.la]
estômago	[ɛʃ.ˈtõ.ma.gu] ~ [iʃ.ˈtõ.ma.gu]
exército	[ɛ.ˈzɛ.si.tu]
fígado	[ˈfi.ga.du]
fotógrafo	[fɔ.ˈtɔ.gra.fu]
fósforo	[ˈfɔy.fa.ru]
ginástica	[ʒi.ˈnast.ti.ka]
helicóptero	[ɛ.li.ˈkɔ.pɛ.tu] ~ [ɛ.li.ˈkɔ.pɛ.du] ~ [ɛ.li.ˈkɔ.pɛ.tɛ.ru]

hélice	[ɛ.'li.sɛ] ~ [ɛ.'li.si]
hipopótamo	[i.pɔ.pɔ.'ta.mu]
Libélula	[li.'bɛ.lu.la]
Lágrima	['la.gri.ma]
Lâmina	['lã.mi.na]
lâmpada	['lã.pa.da] ~ ['lã.pi.da]
líquido	['li.ki.du]
mágico	['maʒ.ku]
máquina	['ma.ki.na]
mecânico	[mɛ.'kã.ni.ku]
música	['mu.zi.ka]
músculo	['muʃ.kluʃ] ~ ['mus.ku.lu]
médico	['mɛ.di.ku]
nádega	['na.gi.na]
número	['nu.mɛ.ru]
óculos	['ɔ.kluʃ]
Ônibus	['õ.ni.buʃ]
pássaro	['pa.sa.ru]
pétala	['pɛ.tu.la]
Plástico	['plaf.ti.ku] ~ ['praf.ti.ku]
Página	['pa.ʒi.na]
Pílula	['pi.lua]
relâmpago	[rɛ.'lã.pa.gu]
símbolo	['sí.bɔ.lu]
tentáculo	[tẽ.'ta.klu]
termômetro	[trɛr.'mõ.mɛ.tru]
tóxico	['tɔ.ʃi.ku]
Triângulo	[tri.'ã.gu.lu]
Túmulo	['tu.mu.lu]
Válvula	['va.vu.la]
Vômito	['võ.mi.tu]
Xícara	['ʃi.ka.ra] ~ ['ʃi.kra]